

Comédia claustrofóbica

O teatro denuncia a vida

Dušan Kovačević

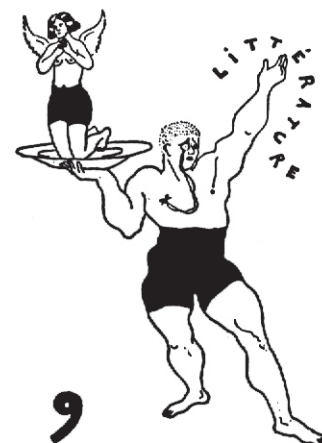
Apresentação e tradução do original em servo-croata de ALEKSANDAR JOVANOVIĆ

Dušan Kovačević (pronuncia-se Dúchan Kovátchevitch) nasceu em 1948, e começou a escrever aos 22 anos. É um dos dramaturgos de maior sucesso na Iugoslávia, atualmente, inclusive porque seu trabalho representa uma síntese peculiar. De um lado, retoma a tradição legada por Branislav Nušić (1864-1938), seguramente um dos maiores comediógrafos iugoslavos, e Radoje Domanović (1873-1908), contista cujo humor é contagiante. Ambos aplicaram, literalmente, o velho adágio latino *ridendo castigat mores*; um no teatro; outro, na prosa. Kovačević, de outro lado, recorre a determinadas técnicas neovanguardistas que incorpora às suas comédias de costumes. Pela independência intelectual, pode ser comparado também ao romancista, contista, poeta e dramaturgo Miroslav Krleža (1893-1981), outro nome fundamental da literatura iugoslava.

Sua primeira peça – Maratonci trče počasni krug (Os corredores da Maratona no círculo de honra) – foi encenada em 1973. Trata-se da vida de uma família de coveiros que exerce a profissão de modo desonesto: escava à noite os túmulos abertos durante o dia, retira os corpos, limpa os caixões e os revende no dia seguinte. Apenas um dos membros da família tenta escapar ao círculo vicioso sócio-familiar, mas fracassa. Uma clara metáfora social e política, em que os recursos do absurdo e do grotesco são colocados a serviço da identificação de um sistema orwelliano. Aos 23 anos, escreve Radovan (o título é um nome masculino), história de um pai de família absolutista que, durante seis anos, impede a filha grávida de dar à luz... Depois, redige Baikanski špijun (O espião balcânico), a vida de um policial-escritor (ou será um escritor-policial?) que trabalha contra si próprio em sua tarefa de informante dos órgãos de segurança. Agora, o Teatro Zvezdara, de Belgrado, está encenando seu último trabalho – Profesionalac (O profissional) –, que conta a transformação de relatórios de órgãos de segurança em peças teatrais. Pormenor importante: os relatórios são produzidos por agentes disfarçados de atores, jornalistas e escritores. Qualquer semelhança com a Securitate romena ou a Sigurimi albanesa...

Curiosamente, Kovačević é amigo pessoal de Vaclav Havel. Há menos de um ano, o dramaturgo iugoslavo enviou um exemplar de sua última peça (Profissionalac) ao colega tcheco. O amigo comum, o diretor teatral iugoslavo B. Djurović, obrigou Kovačević a escrever uma dedicatória em que figurava apenas o prenome "Vaclav".

"Djurović lembrou-me, no último instante – conta o escritor iugoslavo, em entrevista publicada na revista belgradense NIN, de 18 de fevereiro último – que se escrevesse o nome todo de Havel, o livro seria apreendido na fronteira." Em março último, Kovačević foi visitar seu colega, agora em-



Littérature by Francis Picabia



Dušan Kovačević

possado na presidência da Tchecoslováquia.

Crítico incisivo, Kovačević dá uma versão completamente nova à Teoria de Darwin: “O homem descende de um macaco doente. Os macacos sádios ficaram nas árvores. Eu pergunto: será que valeu a pena descer das árvores?”. Uma semiparódia ao título de um dos livros de Aldous Huxley: em vez de ser O macaco e a essência, trata-se de No macaco, a essência...

Sua Comédia claustrofóbica ilustra, de maneira clara, a cosmovisão do autor, o impiedoso ataque aos atos e fatos que atentam contra a dignidade humana, a sátira refinada e o humor sutil. Uma peculiaridade: em vez de situar ações e personagens de suas comédias em outros países, Kovačević ambienta tudo na Iugoslávia atual. Desse modo, aplica técnica similar à do contista Domanović, que se comprazia em parodiar a história da Sérvia.

Kovačević resgata, também, uma antiga tradição literária dos eslavos (sobretudo comum entre os escritores russos) de conferir nomes denotativos aos personagens. Em sua Comédia claustrofóbica, a relação Iagocha-Iago e a triangulação Iagocha-Otelo-Desdêmona é evidente. Mas o autor joga com o sobrenome polonês Grabiński, que imediatamente pode ser associado à raiz eslava grab-. Ela lembra palavras como grabarz (coveiro) ou grabiež (rapina), em polonês, ou grabez (rapina), em servo-croata. Também o personagem Leopold Vajik recebe um sobrenome que pode ser associado à palavra polonesa waz (vítbora, serpente). E os personagens iugoslavos da comédia incitam a imaginação: um policial chamado Lobato; um pobre limpador de chaminés, cujo sobrenome é Limpa-Chaminés e o nome de batismo é Sava, nome de um dos mais importantes santos da Igreja Ortodoxa da Sérvia, São Sava (1175-1235).

Personagens: Sava Limpa-Chaminés; Nina Herbert; Lobato, policial; Iagocha Fim; Teia Fim; Leopold Vajik; senhor Grabiński

I. Os irmãos Fim conversam sobre a estréia de *Comédia claustrofóbica*.

Teia Fim está sentado à mesa da cozinha. Livros entreabertos e manuscritos sobre a mesa. Débil, desganhado, barba por fazer – professor de inglês desempregado, tradutor diletante –, cruza os pés descalços sob a mesa. Sorridente, fita o irmão Iagocha, que tira da caixa uma camisa nova, branca. O irmão é mais velho do que Teia. Mas aparenta ser mais jovem.

Teia segura a cabeça com a mão, como passageiro adormecido numa estação ferroviária.

No canto do quatinho, numa cadeira sem recosto, Felícia, a irmã, mfope, está sentada vestindo luto – por si própria e pela mãe. Felícia está curvada sobre a vida e sobre a meia de Teia, que ela remenda insegura, sob a luz da lâmpada. Não participa da conversa e da briga dos irmãos. É como se eles sequer existissem.

Iagocha arranca alfinetes da camisa. Joga-os num cinzeiro de vidro colocado sobre a mesa. Trabalha com cuidado.

IAGOCHA – O que é que você está traduzindo, de novo?

TEIA – Otelo.

IAGOCHA – Otelo? Então, não foi traduzido até agora?

TEIA – Otelo é apenas um ponto de partida. Estou escrevendo algo parecido com a história atual de Otelo.

IAGOCHA – Ah! Muito inteligente! Você tem razão. O velho Otelo nunca prestou. Está aí, os séculos passaram, até que você tivesse aparecido enfim.

TEIA – É, precisava mesmo.

IAGOCHA – Sim, claro... E para quem é que você está criando, de novo?

TEIA – O que é que se pode fazer? Tornamo-nos amigos. E não está sendo fácil nem para ele.

IAGOCHA – É o que você diz... Mas eu li “aquilo” seu, no Jornal Literário.

TEIA – “Aquilo” o quê?

IAGOCHA – Ora, aquilo que você escreveu.

TEIA – Talvez aquele “aquilo” tenha nome.

IAGOCHA – Quando presta, tem... Quando presta, chama-se poesia.

TEIA – Do contrário, é “aquilo”... Será que você conseguiu ler “aquilo” por inteiro?

IAGOCHA – Consegui... E posso dizer: só um irmão pode fazer isso por outro irmão.

O poeta sorri. Iagocha continua a arrancar alfinetes, como se estivesse limpando um peixe ossudo.

TEIA – Você leu o Jornal Literário em caráter particular ou em caráter oficial?

IAGOCHA – Você quer dizer – como amante da Arte ou como amante do governo? Li em caráter particular, o mais particular possível.

TEIA – E o que não lhe agrada, você ataca em caráter oficial, o mais oficial possível...

IAGOCHA – Eu não sou um poeta para responder a vocês com poemazinhos.

TEIA – Sim. Você responde com os punhozinhos.

IAGOCHA – Do modo que vocês me atacam, eu respondo. De resto, o jornal de vocês insiste no diálogo democrático puro, sem pronomes pessoais – tudo com nome e sobrenome. Não é mesmo?

TEIA – Nosso jornal insiste sobre a verdade, antes de mais nada. Isso é uma das coisas. A outra é que há uma pequena diferença nesse nosso “diálogo democrático”: avisamos vocês. E está longe de ser um ataque qualquer através de um jornal de dez mil exemplares. E vocês nos espicaçam pela tevê, pelo rádio, por todos os jornais, pelo telefone, pelos Correios e Telégrafos, por telex, por telegramas e cartões postais... Não lhe parece que o nosso diálogo é um pouco mais do que o monólogo de vocês?

IAGOCHA – Quem sabe... É possível... Esta camisa tem mais arames agudos do que tecido... As camisas são tais e quais os sistemas. O que é que você acha: como é que eu faria isto, se estivesse do lado de vocês?

TEIA – Iagocha, por que é que você tem de ficar atacando tudo o que existe? Entre tantos ladrões de cavalos, batedores de carteiras, assaltantes de bancos, justamente você desejou ser um pistoleiro de aluguel? Largue os poemas e a política, o sistema e a camisa. Eu gostaria de saber por que é que você faz isso?

IAGOCHA – Esta é a sua preocupação fraternal?

TEIA – Preocupação e vergonha?

IAGOCHA – Preocupação e vergonha fraternais, é?

TEIA – É.

IAGOCHA – Claro, eu devo, já que vocês são umas bestas. Simplesmente, eu devo! Tenho pena do país e da política, do partido, e muito pouca pena dos garranchos de vocês. Mas gostaria que vocês nem me chamassem pelo nome e sobrenome. Acusem-me de ser bandido, malfeitor ou estelionatário. A mim, que ataca vocês, para que o povo saiba o quanto vocês são sérios, importantes e pessoas preocupadas. Eu faço um favor a vocês...

TEIA – Muito obrigado...

IAGOCHA – ... aumento a tiragem, dou um tom a esse jornal de oposição. Se eu elogiasse, vocês sequer existiriam. E, em sinal de gratidão, vocês me cospem na cara. Quando lhes dou uma palmada, assim, em caráter particular, como cidadão, porque desejo usar os olhos, vocês berram e pedem socorro. Escrevam o que vocês quiserem, mas deixem-me em paz! Quem me fere, dá-se mal! Transmita isto lá aos seus... àqueles... lá... aos seus... na redação... Dá-se mal! Vai voar do emprego como ... como... como...

TEIA – Assim como eu voei.

IAGOCHA – Quem se dispõe a matar, tem de estar disposto a morrer. Está claro?

TEIA – Meu filho, de que é que você está falando? Do que, mano? De que olhos e de que crimes? Já não basta que me acusem de mostrar os manuscritos a você, antes de publicá-los? Não basta que me ofendam e esculhambem, dizendo que sou um dedo-duro, que meu cargo de professor de inglês foi tomado apenas assim, formalmente, mas que eu continuo recebendo o salário, porque ajudo você a fazer carreira e, assim, quando você marcar pontos, vai pagar-me fraternalmente, com o cargo de adido cultural em Pittsburgh! Será que você sabe o que fala?

IAGOCHA – Sei. Por isso mesmo é que digo isto. Você esteve ontem à noite na estréia daquela... daquela... daquela... daquela...

TEIA – Qual?

IAGOCHA – Daquela... como é que se chama? Puta que a pariu... Comédia Claustrofóbica? Naquela... naquela...

TEIA – Não estive.

IAGOCHA – E você leu aquela, aquela... aquela... merda?

TEIA – Não.

IAGOCHA – Não?



Seria muito melhor se vocês roubassem o veneno das cobras... Eu trato vocês como gente. E vocês me apunhalam... O camarada The End, camarada The End. Você não sabe do que se trata? Não tem nem idéia?

TEIA – Não!

IAGOCHA – E será que você pode dizer ao camarada Iagocha quem é que editou aquilo pela primeira vez?

TEIA – Não sei.

IAGOCHA – E você conhece o autor?

TEIA – De vista.

IAGOCHA – E você sabe do que é que trata aquela... aquela... peça?

TEIA – Não sei. Eu não sei de nada.

IAGOCHA – Você não sabe de nada?

TEIA – Não.

IAGOCHA – Você não sabe de nada. E você é que me pergunta se eu sei do que estou falando? E... e... e por que eu me enfureço? A peça tem sido publicada no jornal de vocês. Um sujeito de vocês é que a escreveu – seu amigo. E fala de mim. Eu sou o personagem principal. Fala de mim! De mim!

TEIA – De você? Como, de você?

IAGOCHA – Fala o diabo, eis aí! Sobre o camarada Iagocha FIM. O nosso sobrenome FIM, honrado durante quatrocentos anos, está sendo usado como símbolo político horrível... como o fim de tudo... como... ah!... O troco vai chegar para vocês, ainda este mês. E será, de fato, o fim de vocês!

TEIA – Deixa de paranóia, mano! Em todo político-negação você enxerga a si próprio.

IAGOCHA – Especialmente quando o personagem chama Iagocha The End. Quando ele tem a minha idade, quando encontram um ator que se parece incrivelmente comigo, quando o ator imita meus movimentos, o tom da voz, que me imita como se eu estivesse em cena. Então, especialmente então, tenho paranóia!

TEIA – Mas do que é que se trata?

IAGOCHA – Ora, seu, não se faça de bobo! Você sabe de tudo!

TEIA – Ora essa, não sei de nada! Juro!

IAGOCHA – Que coisa! Grande arte! Vocês negam a Arte! Uma porcaria vulgar! Ofensa após ofensa... Será que vocês possuem algo de sagrado, além de vocês mesmos? Será que você pode dizer-me?

TEIA – Será que você pode dizer-me do que é que se trata?

IAGOCHA – Seria muito melhor se vocês roubassem o veneno das cobras... Eu trato vocês como gente. E vocês me apunhalam... O camarada The End, camarada The End. Você não sabe do que é que se trata? Não tem nem idéia?

TEIA – Não sei.

IAGOCHA – A famosa bailarina polonesa Nina Herbert pede asilo durante a visita à Iugoslávia... enquanto acontece o Dia do Balé Polonês. E foge diretamente do palco... do Teatro Nacional... sob a forma de Desdêmona...

Iagocha continua falando e olha, interrogativo, para o irmão, para verificar se ele sabe do que é que se trata.


IAGOCHA – Ela desaparece, assim, em trajes de bailarina. E deixa o noivo no meio do palco... Depois, perto do teatro, um tal de Sava Limpa-Chaminés a encontra... Ele a esconde. E enquanto sai à procura do Judas dela – claro, novamente um de nossos dirigentes, pois ela pede asilo por causa dele – o limpa-chaminés apaixonou-se por ela... A bailarina e o Sava Limpa-Chaminés?!

TEIA – E por que não?

IAGOCHA – A bailarina e o limpa-chaminés?

TEIA – Bom, e o que é que isso tem a ver com você? Você não é limpador de chaminés. Espero que você não tenha imaginado...

IAGOCHA – Eu não “imaginei” nada. Vi e ouvi tudo... Na vizinhança do tal limpa-

TEIA – Do contrário, é “aquilo”... Será que você conseguiu ler “aquilo” por inteiro? 
IAGOCHA – Consegui... E posso dizer: só um irmão pode fazer isso por outro irmão.

O poeta sorri. Iagocha continua a arrancar alfinetes, como se estivesse limpando um peixe ossudo.

TEIA – Você leu o Jornal Literário em caráter particular ou em caráter oficial?

IAGOCHA – Você quer dizer – como amante da Arte ou como amante do governo? Li em caráter particular, o mais particular possível.

TEIA – E o que não lhe agrada, você ataca em caráter oficial, o mais oficial possível...

IAGOCHA – Eu não sou um poeta para responder a vocês com poemazinhos.

TEIA – Sim. Você responde com os punhozinhos.

IAGOCHA – Do modo que vocês me atacam, eu respondo. De resto, o jornal de vocês insiste no diálogo democrático puro, sem pronomes pessoais – tudo com nome e sobrenome. Não é mesmo?

TEIA – Nosso jornal insiste sobre a verdade, antes de mais nada. Isso é uma das coisas. A outra é que há uma pequena diferença nesse nosso “diálogo democrático”: avisamos vocês. E está longe de ser um ataque qualquer através de um jornal de dez mil exemplares. E vocês nos espicaçam pela tevê, pelo rádio, por todos os jornais, pelo telefone, pelos Correios e Telégrafos, por telex, por telegramas e cartões postais... Não lhe parece que o nosso diálogo é um pouco mais do que o monólogo de vocês?

IAGOCHA – Quem sabe... É possível... Esta camisa tem mais arames agudos do que tecido... As camisas são tais e quais os sistemas. O que é que você acha: como é que eu faria isto, se estivesse do lado de vocês?

TEIA – Iagocha, por que é que você tem de ficar atacando tudo o que existe? Entre tantos ladrões de cavalos, batedores de carteiras, assaltantes de bancos, justamente você desejou ser um pistoleiro de aluguel? Largue os poemas e a política, o sistema e a camisa. Eu gostaria de saber por que é que você faz isso?

IAGOCHA – Esta é a sua preocupação fraternal?

TEIA – Preocupação e vergonha?

IAGOCHA – Preocupação e vergonha fraternais, é?

TEIA – É.

IAGOCHA – Claro, eu devo, já que vocês são umas bestas. Simplesmente, eu devo! Tenho pena do país e da política, do partido, e muito pouca pena dos garranchos de vocês. Mas gostaria que vocês nem me chamassem pelo nome e sobrenome. Acusem-me de ser bandido, malfeitor ou estelionatário. A mim, que ataca vocês, para que o povo saiba o quanto vocês são sérios, importantes e pessoas preocupadas. Eu faço um favor a vocês...

TEIA – Muito obrigado...

IAGOCHA – ... aumento a tiragem, dou um tom a esse jornal de oposição. Se eu elogiasse, vocês sequer existiriam. E, em sinal de gratidão, vocês me cospem na cara. Quando lhes dou uma palmada, assim, em caráter particular, como cidadão, porque desejo usar os olhos, vocês berram e pedem socorro. Escrevam o que vocês quiserem, mas deixem-me em paz! Quem me fere, dá-se mal! Transmita isto lá aos seus... àqueles... lá... aos seus... na redação... Dá-se mal! Vai voar do emprego como ... como... como...

TEIA – Assim como eu voei.

IAGOCHA – Quem se dispõe a matar, tem de estar disposto a morrer. Está claro?

TEIA – Meu filho, de que é que você está falando? Do que, mano? De que olhos e de que crimes? Já não basta que me acusem de mostrar os manuscritos a você, antes de publicá-los? Não basta que me ofendam e esculhambem, dizendo que sou um dedo-duro, que meu cargo de professor de inglês foi tomado apenas assim, formalmente, mas que eu continuo recebendo o salário, porque ajudo você a fazer carreira e, assim, quando você marcar pontos, vai pagar-me fraternalmente, com o cargo de adido cultural em Pittsburgh! Será que você sabe o que fala?

IAGOCHA – Sei. Por isso mesmo é que digo isto. Você esteve ontem à noite na estréia daquela... daquela... daquela... daquela...

TEIA – Qual?

IAGOCHA – daquela... como é que se chama? Puta que a pariu... Comédia Claustrofóbica? Naquele... naquele...

TEIA – Não estive.

IAGOCHA – E você leu aquela, aquela... aquela... merda?

TEIA – Não.

IAGOCHA – Não?



FELÍCIA – Remendei uma... Já vou fazer a outra...

TEIA – E você viu como ele fugiu? Toda vez que ele sente que eu vou dizer alguma coisa desagradável – foge.

FELÍCIA – Quem?

TEIA – Iagocha.

FELÍCIA – Que Iagocha?

TEIA – Nosso irmão.

FELÍCIA – E quando foi que fugiu? Quem é que esteve por aqui?

TEIA – Felícia?!

FELÍCIA – Quando é que ele esteve aqui?

TEIA – Agora! Saiu agora. O “doutor” se aborreceu!

FELÍCIA – Nosso irmão, Iagocha?

TEIA – É... o que é que há? Por que é que você me olha assim? Por que é que você faz o sinal da cruz?

FELÍCIA – Senhor, meu Deus, e minha pobre mãe... onde foi que eu pequei tanto assim?

TEIA – Felícia, o que é que você tem?

FELÍCIA – Você, passa as noites com os amigos. Volta para casa quando as pessoas já estão indo trabalhar. Você dorme à mesa, aí acorda e me assusta. Eu não tenho mais nervos, forças ou vontade de ficar ouvindo como você fica aí, resmungando, falando, como doido. Infeliz Teia... irmão infeliz... Meu Deus, por que me condenas?...

TEIA – Ele saiu agora.

FELÍCIA – E você, fica dizendo coisas. Mas eu preciso ficar aturando você. Prometi à mãe... O Iagocha não vem para casa faz uma semana.

Teia agarra o cinzeiro. Despeja os alfinetes na palma da mão.

TEIA – É? É isto aqui? Ele tirou os alfinetes da camisa nova...

O telefone toca. Felícia atende.

FELÍCIA – Oi, mano... De jeito nenhum... É, falávamos de você, agorinha... Eu estou brigando com este nosso irmão infeliz... Ele quer me convencer de que você esteve aqui há pouco. O que mais eu faria... É, ele endoidou... Assim que ele me convencer, você não vai ter mais ninguém normal por aqui. Sim... O quê?... Pra eu tirar o luto por mãe?... Agora eu estou de luto é por mim. Eu também não existo, faz tempo... O que é que você está fazendo, mano? Vai ao teatro? Ver o balé polonês?... Otelo... Bom, bom... Não vai me casar de novo com a bailarina. É, da outra vez você também foi o primeiro a ver o balé, e você sabe o que foi que houve... Se você não fosse quem você é, nem conseguiria outro apartamento... Lavo a sua roupa, mas não precisa lavar a roupa dessas que abrem as pernas... Depois do balé, direto para casa... Vi você ontem, na tevê, no jornal. Mano, deixa crescer o bigode. Você parece muito jovem para esses cargos todos. Quanto mais alta a função, nosso povo gosta de ver pessoas mais velhas no cargo... Sim, respiro com dificuldade, estou meio doente... Arrasto a vida sobre as pernas... Vem almoçar domingo. O meu bom Sava Limpa-Chaminés deu um ganso selvagem de presente. Apanhou aí, numa chaminé qualquer, de asa quebrada. Se esta situação continuar com a carne, diz o Sava, vamos comer só aquilo que não sobrevoe a Iugoslávia... O que é que você tem contra o Sava? Quando viemos a Belgrado, ele recebeu a gente em sua casa, como parentes... Sim... Tchou... Beijou...

Felícia desliga o telefone... Passa pelo irmão, que continua apontando os alfinetes sobre a palma da mão.

II. A bailarina Nina Herbert desaparece do palco do Teatro Nacional sob a forma de Desdêmona.

“Sobre o palco do Teatro Nacional, o Balé de Varsóvia, na programação do Dia da Cultura Polonesa na Iugoslávia. Grandes artistas apresentarão cenas das peças de maior sucesso.”

Foi assim que os jornais anunciaram a visita “dos extraordinários mestres do balé” do país socialista amigo. E como era de se esperar, o Teatro Nacional ficou cheio de músicas encantadoras, movimentos irrealistas e aplausos entusiasmados do público de Belgrado. Isso foi até a apresentação de Nina Herbert, como Desdêmona, e de Leopold Vajik, como Otelo. E foi então que aconteceu algo de extraordinário.

“O casal de bailarinos representa a cena de ciúmes de Otelo. Ele, com máscara negra brilhante sobre a face, no auge do sofrimento e do temor patriótico, luta com forças imemoriais dentro de si próprio e contra as forças da maldade humana que o cercam. Uma dança magistral e inimitável, até o momento em que... Ela, graciosa e intranquilizadamente bela, era a encarnação da ternura, da surpresa e do temor poéticos. Alta, olhos azuis, dançava feito um beija-flor, fugindo ao assédio do homem obscuro. Na música da orquestra brilhante, ouvem-se os sons de uma África imemorial entre os tons discretos e dissonantes da tragédia de Shakespeare. Enquanto isso, o tema de Otelo é acompanhado por murmúrios tribais, que mal se ouvem. Para um gosto apurado, meramente uma postura política ou, quem sabe, um rumor irônico demasiado forte?

Os jovens bailarinos teriam colhido os mais cordiais aplausos, temos certeza, se Otelo não tivesse ficado, repentinamente, sozinho em cena. Ele continuou dançando, extrapolando a montagem da peça. A primeira luz do palco, que acompanha a dança de Desdêmona, buscava flagrar e encontrar a jovem artista. Pareceu-nos que, por obra do coreógrafo, ela tentava abandonar o quarto de Otelo. Entretanto, aquele instante durou uma eternidade... Depois de três, quatro minutos de improvisação, com sucesso, Leopold Vajik, no papel de Otelo, abandona o palco com passos assustados e inseguros. A orquestra continua a tocar, confusa, a exemplo do próprio Otelo... Depois da apresentação, soubemos informalmente o que aconteceu.”

Foi assim que os jornalistas e críticos de arte redigiram seus textos, logo depois da apresentação. O desaparecimento misterioso da conhecida bailarina era a primeira, e verdadeira, notícia para as edições matutinas. Tudo isso aconteceu por volta das 20 horas e 50 minutos. A continuação da história desenrola-se na mesma noite, numa das travessas mal iluminadas próximas ao Teatro Nacional...

III. Sava Limpa-Chaminés encontra Nina Herbert em trajes de Desdêmona.

Dois containers, numa rua semi-escura, próxima ao Teatro Nacional. Dois lampiões do período do entre-guerras iluminam os containers. A luz amarelada tremeluz ao primeiro vento de outono. Teia Fim caminha perto da esquina, cantando com seu amigo polonês, respeitado hóspede do Dia da Cultura. Como manda o figurino, os cantores estão cordialmente abraçados e devidamente bêbados... Teia vai parando, levanta as mãos em direção aos lampiões e começa a declamar os versos:

TEIA – E o amor que se esvai, o rancor que enfada.

É tudo poesia. E em despenhadeiros,
Em luz-maravilha, o espírito queda
Como uma estrela caída no escuro.
Enquanto em silêncio se fiam texturas,
Ressonam as vozes do ato criativo,
Do ritmo, do nada. Então, nessas horas
Efervescem no horror afiados sentidos,
Que tudo descobrem. Sei que obscureço
Em meio ao murmúrio, na trajetória
Estranha às dores; assim eu tropeço
Na miudeza humana e até na ventura.
Lanço os olhos aos céus. Vago por milênios,
Jamais serei um homem, jamais fui humano,
E este gênio Dútchitch, que agora faz vênias,
É sombra de um escravo, um poeta pequeno.

Teia faz profundas vênias, enquanto o colega polonês aplaude, entusiasmado.

TEIA – Todas as honras, senhor Grabiński, pela brilhante transcrição dos versos de Dútchitch⁽¹⁾ para o polonês... E não fique triste, senhor Grabiński, vamos achar logo sua bailarina desaparecida. Se tivéssemos uma economia igual à polícia que temos!... Oh! Pátria minha, oh! pátria tão sofrida, terra sem caminhos, terra sem memória!

Teia Fim e o Senhor Grabiński descem pela rua... Rapidamente, aparece Sava Limpa-Chaminés, metido num uniforme negro, faces cavadas. Aproxima-se do primeiro container, levanta a tampa, remexe com o cabo serrado de uma vassoura – em cuja



¹ Referência a Jovan Dučić (1874-1943), poeta pós-simbolista da Sérvia (pronuncia-se Ióvan Dútchitch).

**Um vizinho meu, um senhor distinto, na véspera do
Ano Novo, foi jogar o lixo. Aí o elevador enguiçou.
Os mecânicos tinham ido comemorar. Quando
chegaram, dois dias depois, ele tinha comido todo o lixo...**

ponta há um prego espetado –, tira pedaços de pão... Chega junto ao segundo container, levanta a tampa e pula logo para o lado. Da caixa metálica, salta a assustada bailarina Nina Herbert, metida no traje púrpura de Desdêmona... Sava fica petrificado, fitando-a como a uma assombração.

SAVA – Quem... é você? O que... você faz?...

NINA – Fugir da teiátra... da teiátra...⁽²⁾

SAVA – Você é russa...?

NINA – Nié Rossiánka... Ser políaca. Polska.

SAVA – Polaca? Polonesa?

NINA – *Tak, tak.* Fugir... Emigranta...

SAVA – Você – quer emigrar? Você quer ser uma emigrante? Emgrátziia?

NINA – Ter amigo na Belgrado. Eu querer ele.

Enquanto fala, olha assustada para a rua... e Sava também fica olhando em volta, como se fosse um fugitivo.

SAVA – Não há ninguém... Sai daí... E você sabe onde é que decidiu tornar-se uma emigrante? Saia.

NINA – O *pan* não denunciar eu?⁽³⁾

SAVA – Desculpa... eu não entendo nada.

NINA – O *pan* não levar eu na polftziia?

SAVA – *Sprechen Sie deutsch? Nein?* Nem um pouquinho?

NINA – Grande amigo eu mora na Belgrado... Esse... esse... esse *adriéssa*...

SAVA – O endereço de alguém? Pavle Holl, rua Shakespeare...

Sava lê o endereço num pedacinho de papel que a bailarina lhe passa... O policial aparece na esquina. A moça se enfia no container. O limpa-chaminés põe a tampa e retorna ao primeiro container, remexendo-o. O policial fala ao rádio com o carro-patrolha, através de um walkie-talkie. Pára atento, observa o homem de negro, cujo rosto a luz fraca ilumina por alguns momentos... Desliga o rádio. Aproxima-se do limpa-chaminés.

POLICIAL – Sava?... Mas é você, Sava?

SAVA – Sou, mas... é você, Lobato?

POLICIAL – Claro... Ei, é você, Sava?

SAVA – Mas... de onde, o uniforme?... Mas você não estudava Medicina? Enquanto você morou em casa, estudava Medicina.

POLICIAL – Deixa pra lá... O que é que você está fazendo, Sava?

SAVA – Estou recolhendo pão velho. Para os porcos.

POLICIAL – Será que uma bailarina não passou por aqui, faz pouco tempo, correndo?... Assim, vestida de bailarina mesmo?

SAVA – Bailarina? Não, ninguém passou por aqui... Você fica bem de azul!

O policial encosta uma longa barra de metal no container, tira uma tabaqueira, oferece cigarros. Sava tira um, recosta-se no container em que a bailarina está escondida.

POLICIAL – Você... cria porcos?

SAVA – Não, não crio. Sustento. Depois de vendê-los, eles é que me sustentam. Assim, sustentamos uns aos outros.

POLICIAL – Sei... Salário miúdo, Sava...

SAVA – Miúdo... Ajudo o filho, a filha, o irmão, a irmã, a mãe...

POLICIAL – São muitos.

SAVA – Que nada! Não são muitos, Lobato, eu é que sou poucos. Se fosse mais, seria mais fácil; e eles, graças a Deus, nunca são demais.

POLICIAL – Sei... e ainda você fica limpando chaminés?

2 No texto original, toda a fala de Nina Herbert está em polonês. Deste modo, o Autor cria uma situação cômica, porque servo-croata e polonês são línguas parcialmente intercompreensíveis, como o português e o espanhol.

3 *Pan* (senhor, em polonês).

SAVA – Limpo, limpo sim.

POLICIAL – Quer dizer – você não se aposentou?

SAVA – Não. Gostaria. Mas não vale a pena. Enquanto eu não morrer... Não tenho salário e a aposentadoria seria menor ainda...

POLICIAL – E você... não tem mais inquilinos?

SAVA – Que nada... Não tenho coragem de ficar cobrando das pessoas. E eu não posso mais ficar sustentando as pessoas.

POLICIAL – Sei... Você alimentou-me durante oito meses. De graça. Sem cobrar vin-tém.

SAVA – Não, não... Você trazia coisas do interior...

POLICIAL – Alimentou, alimentou, sim... Quando passei maus bocados... Eu é que nunca retornei, para agradecer. Mas sempre me lembro de você... Puxa, você se acabou... Sava... é como se eu encontrasse o seu pai... Meu irmão, que trabalha nas minas, também...

SAVA – Você nunca me disse que tinha um irmão!

POLICIAL – Você nunca me perguntou!

SAVA – Um irmão a gente menciona sem perguntas.

POLICIAL – É... E eu que pensava que você estava jogando o lixo... mas fico muito contente em vê-lo.

SAVA – Faz seis meses, deixei de pagar a taxa da coleta. Aí, quando me processaram, disse ao juiz: Não vou pagar, porque não tenho lixo para jogar... E agora, acho que me enganei... Eu devia pagar... não pelo lixo que jogo, mas por aquilo que recolho... O que é que você tem?

POLICIAL – Bom, parece que alguém espirrou... Ouvi direitinho... Alguém espirrou... como uma criança...

SAVA – Olha lá... o gato está fugindo.

POLICIAL – E gato espirra?

SAVA – E você não sabe que gatos miam como crianças? Espirram assim, também... Você tem pena de mim... porque eu recolho pão.

POLICIAL – É... e quero que você saiba, eu preciso ajudá-lo. Se você me... quando eu passei pelas maiores dificuldades da vida...

SAVA – Obrigado, Lobato.

POLICIAL – Você deve... passar... a trabalhar comigo.

SAVA – Estou velho para esse uniforme.

POLICIAL – Como almoxarife... Você não vai ficar mexendo no lixo...

SAVA – Tudo depende... daquilo que é o lixo... Um vizinho meu, um senhor distinto, na véspera do Ano Novo, foi jogar o lixo. Aí o elevador enguiçou. Os mecânicos tinham ido comemorar... Quando chegaram, para tirá-lo, dois dias depois, ele tinha comido o lixo todo que ia jogar fora.

POLICIAL – O lixo?

SAVA – Era lixo... enquanto ele não tinha fome. No dia seguinte, ele começou a remexer nos sacos: bom, isso ainda dá pra comer, isto não é lixo, isto é, isso não é... Primeiro dia. No segundo dia, comeu tudo. Ele foi encontrado com os sacos de lixo vazios. E ainda brigaram com ele: “Por que você saiu pra jogar o lixo, se não tinha lixo pra jogar? Você fica andando de elevador, assim à toa!”. O sujeito ainda teve de pedir desculpas, por ter passado dois dias dentro do elevador.

POLICIAL – É... tem de tudo...

SAVA – Um outro vizinho, poeta, o Teia, que sempre fica me gozando, e chamando de “sabujo comunista”, quando ouviu esta história, disse: “Sabe, Sava, uns comem lixo em elevadores quebrados; a maioria, num país quebrado”. Olha, enquanto não consertarem o país, vamos ficar comendo... fartos de comer lixo.

POLICIAL – Conheço ele... esse... poeta. Sei o que ele fica falando... Mas, Sava, você abriu todos os *containers*, até o fim da rua?

SAVA – Tu-di-nho.

POLICIAL – Você não viu nada de suspeito? Nada, assim, estranho?

SAVA – Não... nada...

POLICIAL – É... e cadê?

SAVA – (?)

O walkie-talkie toca, estridente, na cintura do policial. Lobato sintoniza a estação oficial, liga o rádio. Ouve-se uma voz metálica, incômoda.

VOZ – Lobato, você já terminou?



POLICIAL – Já, já... Aqui não tem nada.

VOZ – Espero você lá na praça da feira. Depressa.

POLICIAL – Estou indo: desligo.

Desliga o rádio. Apanha o bastão metálico. Olha indeciso para a rua.

SAVA – E pra que o bastão? Você procura a bailarina com isso, af?

POLICIAL – É que uns... um bebum matou a mulher e jogou o corpo num *container*. Agora, precisamos ficar revirando o lixo todo, até de manhãzinha, quando os caminhões chegam...

SAVA – Cidade grande, tem de tudo, tudo que é gente.

POLICIAL – Gente? Droga, droga, droga, Sava! Se você julga as pessoas com leis que foram feitas para a gentalha, você ofende as pessoas. Você condena as pessoas duas vezes, e inocenta a gentalha! A gentalha não se julga com leis, mas com porrete!

SAVA – Eu procuro pão velho; você, corpos. E ainda você me chama pra trabalhar nisso...

POLICIAL – No depósito... Vou visitar você, em poucos dias, para bater um papo. Felicidades, Sava... Você virá comigo... ao depósito!

Lobato vai embora... Dobra a esquina. Sava levanta a tampa do container. Ajuda a bailarina a sair. Toma-lhe a mão. Afastam-se correndo, como se estivessem sobre um palco. E da direção do Teatro, o noivo, Leopold Vajik, corre desembestado, em trajes de Otelo. Torturado por um ciúme muito humano, pessoal, fora de si, fica dando voltas e chama a noiva desaparecida: Ninaaaa! Niiinaaaa! Niiinaaaa!

IV. Tudo por causa de um filme russo.

Na salinha remediada de Sava Limpa-Chaminés, num sofá surrado, a bailarina Nina Herbert encolhe-se. Cobre-se com uma manta que já perdeu a cor e com o quarto dia de tristeza de emigrante. Olha para algo invisível. Sava entra no quartinho, trazendo um pacote de tamanho médio. Sorri, como se pedisse desculpas, ou desse alguma explicação. A moça ergue a cabeça. Olha-o, assustada, com olheiras, esperando um gesto de salvação.

SAVA – É o quarto dia que eles ficam andando de escritório em escritório, de fábrica em fábrica, de gabinete em gabinete, de firma em firma...

NINA – Achar Pavel?

SAVA – Achei o lugar em que ele trabalha, mas ele, não... Se foi isso que você perguntou, a resposta é esta.

Nina se levanta... O homem sombrio põe o pacote sobre a mesa. Cuidadoso, vai descolando as fitas do pacote. Foge do olhar de Nina, como se fosse o culpado de tudo o que aconteceu à bailarina.

NINA – Ver Pavel?

SAVA – O Pavel existe, o que é o mais importante. Pensei que tinham enganado você, que alguém mentiu... deu nome errado... endereço errado... Teu Pavle trabalha num grande edifício de mármore, mas ele não é engenheiro. Ele *nein injinhiér*. Ele faz lá um troço que eu não sei...

NINA – Onde ser Pavel? Quem ver ele? O *pan* fala ele, eu ficar... Sava, o que ser?

SAVA – Olha, devagar, por favor. Eu não entendo nada. Será que você pelo menos me entende? O teu Pavle, se é que não estão mentindo para mim, foi a Varsóvia, numa viagem de negócios. *Verstehen?* Teu Pavle... viagem de negócios... em tua Varcháva...

NINA – Pavle...? na Varchávie? Meu Pavel, na Varchávie?

SAVA – Em Varsóvia... Quando disseram, fiquei admirado. Aí, então, eles também ficaram admirados com minha admiração. “O que é que há, camarada, por ele estar em Varsóvia?”. Fica oito dias... Mais oito dias...

NINA – Oito dia? Ser oito dia?

E ela mostra oito dedos. O homem assente com a cabeça, impotente, enquanto vai desfazendo o pacote.

NINA – Eu na Bielgrádie, Pavel na Varchávie... Eu *tútai*, ele *tam*... Oh! mui Boje⁽⁴⁾... Nossa Senhora... Oito dia... Ser oito...

A moça fica dando voltas ao redor da mesa, repetindo as mesmas palavras em polonês, com riso histérico. Começa a chorar, desesperada.

SAVA – Não, não chora, não. Ele vai voltar. Você está me ouvindo?... Não chora, por favor... Vem, senta... Tudo vai ficar bem... Senta... Não chora, não.

A moça senta-se na cadeira. Fita o homem, com lágrimas nos olhos. Ele tenta di-

⁴ *Oh! mój Boże* (Oh! meu Deus, em polonês).

zer-lhe alguma coisa, com palavras, sorrisos e com as mãos.

SAVA – Oito dias não são oito anos... Você vai morar aqui, como se fosse a sua casa. Você tem tio em Varsóvia? ...TIO!!! T-I-O, ir-mão do pai?... Então, pensa que veio visitar o tio de Belgrado... Entendeu?... Sem nervosismo, sem choradeira, sem preocupações. Você es-tar a-qui. P-o-l-í-c-i-a não pe-gar documentos... eu ir tra-ba-lha, vo-cê es-pe-rar eu: ...e es-cu-tar música de ba-lé... é de ba-lé, né?

Tira um toca-discos da caixa. Desamarra o fio, põe na tomada. Coloca um disco grande... A moça se acalma. Olha para o benfeitor, como num conto de fadas.

SAVA – Pro-cu-rar na loja de disco – algo ou-vir trei-nar ba-l-é. Vendedores rir, perguntar: “O senhor quer algo para ouvir ou algo para treinar?”.

NINA – Meo Deos... Sava... o pan compra tudo meu causa... toda... toca-disco... disco... Meu causa? Sava?

O limpa-chaminés tira um jornal amarrotado do bolso.

SAVA – O jornal diz que você é uma grande bailarina, e que, olha, olha o que escrevem: “O fato de você... deixar o balé... ou uma pausa mais longa... foi uma perda enorme... para o balé polonês e mundial... porque – ouça – você é uma personalidade artística o-ri-gi-nal, ta-len-to-sa”. Onde é que eles acharam a foto, uma foto sua? Olha... Tenho vontade de fotografar você e mandar a foto pro jornal... A foto em branco-e-preto, e você, toda colorida... Escuta, fica ouvindo, treinando aí, pra que depois não venham dizer que lá, na casa do Sava Limpa-Chaminés, você não teve oportunidade... Eu só não sei, Nina, se-essa música é para balé ou para... Venderam como se fosse música de balé...

Ele aperta o botão do toca-discos, talvez com a mesma emoção e responsabilidade com que se aperta o botão de lançamento de algum grande foguete interplanetário. E o pequeno quarto miserável enche-se com a música de Tchaikóvski. Nina olha para o toca-discos, olha para o homem obscuro. Sava põe os cotovelos sobre a mesa, escuta pensativo – e acena com a cabeça – como se tivesse visto uma cidade desconhecida do alto de uma montanha, e que logo lhe tivesse agradado.

SAVA – Por Deus, bonito... Piano... e violinos... comecei a gostar de violinos faz seis anos... Um inquilino meu tocava na orquestra, treinava todos os dias, alguma coisa assim. O dia todo... Depois, tocava pelos bares... Ele me levou no Ano Novo. Chorava, dizendo que não dava para viver de arte... Jogavam pilhas de dinheiro para ele... Um dia, ele é que se jogou embaixo de um bonde... Matou-se, coitado, com vinte e oito anos...

Nina ouve sem pestanejar, como se entendesse tudo. E ele fala assim mesmo com a bailarina.

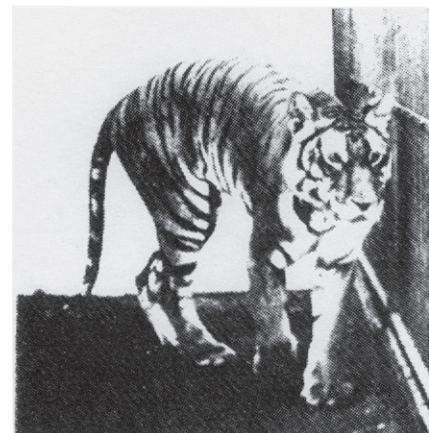
SAVA – Sim, um violino é... um violino... mas o piano...

Se tivesse sorte na vida, se alguém me desse uma vida melhor, como não me deram, e me perguntasse, assim: “Que instrumento você tocava, Sava?”. Aí eu diria: “Piano”. “Piano?” “Sim, piano, sim, piano”. Talvez tudo isso por causa de um filme russo, que eu vi ainda criança... naquele filme, um menino russo tocava piano, tão pequeno como eu... Havia uma lareira acesa, as pessoas ouviam, tomavam champanha e choravam... E através da janela, encoberta pela grande neve russa, uma menina espiava, coitada. De manhã, o menino recebeu dez moedas. E encontraram a irmã dele congelada, debaixo da janela... O menino depois virou um grande compositor. E nunca mais desejou tocar para os nobres... e as composições... dedicou à memória da irmãzinha, Vânia... Quando saf do cinema, nevava, nós chorávamos... Sempre que ouço um piano lembro do filme... Será possível... Nina, que naquela noite é que eu passei a gostar de pianos? Pode ser... A gente nunca sabe o que ou de quem a gente passa a gostar pelo resto da vida. A gente só descobre mais tarde, quando não tem mais aquilo, ou aquela pessoa...

Nina levanta-se, aproxima-se de Sava. Senta-lhe no colo. E abraça o homem sombrio e pensativo, com força.

V. Quem é Jan Unga Bumango? O que é? De onde ele vem? E onde isso fica?

Os belgradenses estão enfileirados ao longo do passeio da rua Marechal Tito. Defendem-se do sol a pino e da falta de disposição com jornais e com as mãos. Em meio à multidão, o noivo Leopold Vajik, enrolado numa capa cinzenta; sob a capa aparece o traje de Otelo. Ele fica se virando, para observar a face das pessoas que o cercam. Do alto-falante, colocado no poste, enfeitado com as bandeiras iugoslava e uma outra, de cores lilás-amarela-verde, ouve-se a música de alguma “nação distante, desconhe-



Jan Unga Bumango. Se o povo pronuncia errado, o senhor, como autoridade oficial, deveria, por dever do cargo, saber, oficialmente, quem chega em visita oficial.

cida, mas tão próxima de nós'.

O policial Lobato passeia, impedindo que as pessoas invadam a faixa de rolamentos dos veículos... Na segunda fila, Sava tenta sair, negro como um corvo, com um arame enrolado ao pescoço. As pessoas pulam para que ele não as suje. O limpa-chaminés percebe Iagocha Fim, que está lendo o Jornal Literário.

SAVA – Bom dia, vizinho! Quem o senhor espera?

IAGOCHA – Bom dia, Sava.

LOBATO – Olá, Sava! Você veio direto do serviço?

SAVA – É, eles me tiraram de cima da chaminé. Disseram que é para ficar na rua, enquanto o sujeito não passar. Mas tem mais gente nos telhados do que na rua. Mas quem é que vocês estão esperando?

Lobato olha-o por sobre os ombros e diz, com familiaridade – como se estivesse aguardando o próprio tio:

LOBATO – Estamos esperando o camarada Djanangu Dubangu.

IAGOCHA – Quem????

LOBATO – O camarada... Djann...

IAGOCHA – Jan Unga Bumango. Se o povo pronuncia errado, o senhor, como autoridade oficial, deveria, por dever do cargo, saber, oficialmente, quem chega em visita oficial. Mas quem o senhor espera, não virá hoje.

SAVA – E de onde é que ele é?

LOBATO – De... Djafamba...

IAGOCHA – De onde???

LOBATO – Bom... disseram pra gente...

IAGOCHA – Diga, diga sem medo...

LOBATO – De... Djufamba...

IAGOCHA – De Djufamba???

Iagocha gargalha estrondosamente... Sava não sabe se os erros animam ou enervam o vizinho.

IAGOCHA – De Djumanda! De Dju-man-da!

SAVA – Juro, vizinho, que eu nunca ouvi falar, porque eu não estou familiarizado, como dizem os jornais, “com as nações tão distantes, mas tão próximas de nós”.

IAGOCHA – Meu caro vizinho, isso é a antiga Katumba. Espero que já tenha ouvido falar disso...

SAVA – É... um pouco... mas por que antiga?

IAGOCHA – Depois da queda de Iakomb Dada-Beng N'Takinga, em 14 de outubro do ano passado, foi proclamada a República de Djumanda, tendo à frente o presidente que vocês estão aguardando. Nós figuramos entre os primeiros do mundo que reconheceram a nova república. Os tchecos e nós.

SAVA – Os tchecos e nós. Os segundos entre os primeiros.

IAGOCHA – Sim, vizinho.

SAVA – Bem, vizinho, o senhor pode ficar zangado comigo, apesar de todo o seu conhecimento, mas eu devo dizer uma coisa: esse presidente já esteve aqui!

IAGOCHA – Quando?

SAVA – No outono passado, em abril.

IAGOCHA – No outono passado, em abril? Ou será na primavera passada, em novembro?

SAVA – É, em novembro, em novembro.

IAGOCHA – Não foi, não. O senhor errou por pouco.

SAVA – Não erre, não, vizinho. Foi um presidente que depôs um ditador... e também... os tchecos... e nós. Lobato, será que você não estava lá?

LOBATO – Não sei... Se o camarada Iagocha diz que não...

IAGOCHA – No outono passado, em novembro, meu caro vizinho, esteve aqui Danbanga Iassâmi Radjah M'gatu, presidente de Badjanma do Sul. E ele não depôs ninguém. Foi o antigo reino de Kamariba que se dividiu, em Badjanma do Norte e Badjanma do Sul. Está certo, figuramos entre os primeiros a reconhecer o novo governo de Badjanma do Sul – logo depois dos tchecos. E condenamos a Badjanma do Norte, pelo ataque contra a independência e não-alinhamento do Sul, com quem estabelecemos...

LOBATO – ... relações amistosas e de boa-vizinhança, dentro do espírito de colaboração e compreensão mútuos.

IAGOCHA – Bem, eles estão um pouco longe para “relações de boa-vizinhança”...

LOBATO – Eu, por favor... Vai onde?... Volte aqui! Para trás! Esse, certamente, deve ser um dos estudantes deles...

O policial estava gritando com Leopold Vajik, que tentava atravessar a rua, em busca da moça desaparecida.

SAVA – Assim que se separaram, eles se atacaram. Meu Deus, mas que povo selvagem, não é? Não é estranho que nós nos gostemos...

IAGOCHA – É, sim, porque a Badjanma do Norte continuou sob o regime títere do ditador Aian Iassaki Heil Kan Mkabin... Lembra-se dele, espero?...

SAVA – Sei, sei... é aquele baixinho, de pernas tortas, de quepe dourado... ficaram chamando ele, por Belgrado toda, de HEIL KANEKO! Ele ficava cumprimentando as pessoas e distribuía canecos, com a própria foto.

IAGOCHA – As pessoas que nos visitam, trazem-nos seus costumes e sua cultura.

SAVA – E o ouro do povo. Alguns lá, entre aqueles desgraçados, que estão morrendo de fome, colhem algodão e bananas, debaixo de milhares de graus de calor, e alguém enegrece lá, por vocês, assim, como eu enegreço aqui, para que o presidente, em nome deles, sem o consentimento deles, fique distribuindo o suor e o sangue deles, mundo afora. E tornou-se um político somente por causa de sua estatura infeliz: era demasiado grande para o circo, demasiado pequeno para a vida... Um ditador mal-afamado, um canalha.

IAGOCHA – Certo, vizinho. Mas soubemos disso tudo somente depois.

SAVA – Os tchecos e nós? O que mais seria um sujeito que fica distribuindo o ouro do povo sem o consentimento dele, e sem que o povo saiba? Como é que o senhor chama a um homem que não tem nada e tudo é dele?

Ouve-se a sirene dos carros de polícia... A música torna-se estridente nos alto-falantes. O policial coloca-se em posição de sentido. O povo agita as bandeirolas, com má vontade. Iagocha prossegue lendo o jornal... Sava grita mais alto que o barulho dos carros da comitiva.

SAVA – Acenou para mim! Ele não sabe que eu sou um limpador de chaminés?! Pensa que sou um deles!

A multidão se desfaz, depois da passagem da comitiva e das sirenes. Iagocha dobra o jornal.

IAGOCHA – Como é, achou a bailarina polonesa?

POLICIAL – Não.

IAGOCHA – Vocês ficam nos arrumando incidentes diplomáticos desnecessários. Faz quanto tempo que ela sumiu?

POLICIAL – Um... duas semanas...

IAGOCHA – E não acharam em lugar algum?

POLICIAL – Nada... como se a terra tivesse engolido.

IAGOCHA – E o seu chefe, ele costuma ir ao teatro?

POLICIAL – Ao teatro? Bom, ... ele vai mais à caça...

IAGOCHA – Dê estes dois ingressos ao seu chefe. Ele que vá hoje à noite. Vocês ficam procurando pela cidade, e ela deve estar escondida no palco.

POLICIAL – Alguém a está escondendo no teatro?

IAGOCHA – Palco, homem, palco. É lá. Ele que vá hoje à noite lá. Vai entender tudo...

POLICIAL – Mas... ele está caçando.

IAGOCHA – Então, vá o senhor.

POLICIAL – Vou... entendo...

IAGOCHA – O senhor vai se divertir. O senhor vai até encontrar-se consigo próprio...

POLICIAL – Quem??

IAGOCHA – A si mesmo. A si mesmo!



POLICIAL – A mim? Vou me encontrar?!

IAGOCHA – Vá lá. Hoje à noite. E fale amanhã comigo.

O policial fica segurando os ingressos, confuso, temendo fazer qualquer outra pergunta.

SAVA – Mas, vizinho, será que não estivemos esperando outro ditador mal-afamado?

IAGOCHA – “Nós”, quem?

SAVA – Bem, todos nós.

IAGOCHA – Vizinho, conviria, na sua idade, que o senhor falasse apenas em seu próprio nome.

SAVA – Bem... mas o senhor também ficou esperando.

IAGOCHA – Eu? O que é que é isto? Eu não fiquei esperando ninguém!

SAVA – Como não?? O que é que o senhor está fazendo aqui??

IAGOCHA – Esperando, para atravessar a rua. O meu carro está estacionado ali em frente.

POLICIAL – E por que é que o senhor não atravessou, camarada Iagocha?

IAGOCHA – Não desejei ferir sua autoridade... O que é que o senhor pensa, vizinho, por que é que o povo saiu às ruas?

SAVA – Porque os senhores ordenaram a todas as empresas que todos fossem dispensados às onze horas.

IAGOCHA – O senhor pensa que é por isso? Por causa de uma ordem?

SAVA – É.

IAGOCHA – No país todo, há leis para não roubar, não cometer estelionato, não assaltar, não incendiar, não demolir – e ninguém obedece! Porque disso ninguém tira proveito. Mas disso – sim, todos fogem do trabalho! Uma hora de paralisação. Depois, cada um pro seu lado. Se fosse preciso, além da paralisação, fazer mais alguma coisa, ninguém viria. Um povo preguiçoso só respeita as leis que se ajustam ao ócio, e evita todas as outras. Se não saíssem, uma vez que fosse, para uma recepção, não haveria segunda vez. Ninguém é louco de comprometer-se duas vezes. Os pequenos lucros e as pequenas contas, que permitem que vocês trabalhem contra si próprios é que vão acabar de matar vocês.

Iagocha enfia o jornal no bolso, sorri, afasta-se. Sava olha para o vizinho, confuso, enquanto o policial Lobato continua fitando os dois ingressos que segura.

POLICIAL – Vem comigo... Eu nunca estive... num teatro.

SAVA – Não posso, Lobato, estou de plantão... Amanhã, eu vou visitar você, para levar o requerimento de um colega de serviço.

POLICIAL – Venha... Veja o que o Iagocha me apronta.

Saem acompanhados pela música solene, em que predominam os tons de uma terra distante e quente. Apenas o infeliz noivo, Leopold Vajik, fica na rua, dando voltas, repetindo, em sussurros, para si próprio: Nina... Nina... Nina...

VI. Um anel de brilhantes numa palma de mão enegrecida.

Sava Limpa-Chaminés entra em sua casinha. Nina está sentada à mesa. Corta uma seda azul. Aguarda ansiosa que o dono da casa diga alguma coisa. O homem negro olha para o chão, aproxima-se da mesa, encosta-se à cadeira, como se estivesse num julgamento.

SAVA – Conversei com o Pavle... Olhá, não mentiram para mim. Ele voltou depois de oito dias... Falamos durante duas horas...

NINA – *Pan* ver Pavle? O que *pan* falar com ele? Que falar para o *pan*? Saber eu está na Belgrada? Por favorrr, *pan* Sava, contar tudo para mim...

SAVA – Vai devagar... Conversamos no gabinete dele... E... eu posso dizer a você... e devo dizer-lhe: era melhor que você não tivesse encontrado o Pavle. Era melhor que alguém tivesse enganado você, que ele nem existisse... Não é um homem bom. Entendeu? Ele *nichts gut*. Pavle *nichts gut*!

NINA – *Nichts gut*?

SAVA – *Ja, ja. Nichts gut*, minha Nina... *nichts gut*...

NINA – Pavel? Sava, Pavel *nichts gut*? *Warum nichts gut*?

SAVA – *Warum? Warum?*... É assim a vida, Nina. Depois de grandes paixões, sem indagações, grandes perguntas. E surpresas maiores ainda... Ele disse que vocês dois combinaram, enquanto ele trabalhava em Varsóvia, que você viria à Iugoslávia, passar férias, ir à praia... *Verstehen*? Você vem agosto, ir junto praia. Você, Pavle, Dubrovnik.

NINA – *Tak, tak.* Combina nós passar férias. Eu não pode vem. Escreve para ele. Ele saber tudo...

SAVA – Devagar, por favor... Ele pensou que vocês passariam férias juntos, “como amigos”. E, depois, cada um iria cuidar de sua vida. Cada um voltaria a ser o que era... *Verstehen?* Ele não contava, não imaginava, que você se asilaria por causa dele. *Verstehen?* Nina?

NINA – *Nein! nein! nein!*

A moça encara-o com seus belos, grandes e polono-azuis olhos. Enrola-se com as pontas de um cobertor, como se sentisse frio, assim, de repente.

SAVA – Agora você pode gritar *nein! nein! nein!*, até amanhã... cabeça de mulher!... Ouve o que o Sava vai te dizer: Pavle é um reles canalha!

NINA – *Nein! nein! nein!*

SAVA – Você não entende nada daquilo que não convém. E se entendesse, eu deveria concordar... Devo dizer tudo. Pavle é casado, tem mulher, dois filhos pequenos.

Mostra uma aliança no dedo e, duas vezes, coisas miúdas. Nina balança a cabeça, negativamente.

NINA – *Nein, nein, nein...*

SAVA – Vi uma foto grande sobre a mesa do gabinete. Em moldura de couro. Mulher e dois filhos, diante da casa, uma roseira como fundo. E ele, ali, atrás, sorridente, bonito, como um governante e a família. Um dia de sol, telhado vermelho, e a copa grande de um carvalho sobre a casa. Assim que vi o Pavle, entendi por que você fugiu por causa dele. Mas, assim que ele abriu a boca, entendi também por que você se deu mal.

NINA – Pavle *nein* casada. Saber disso tudo. Pergunta nas amigos da ele...

SAVA – *Ja, ja. Zwei klein kinder.* E... como se diz mulher?

NINA – Sava, por favor! Non ser verdade! Non ser verdade, Sava!

SAVA – Ou você não entende nada, ou você entende tudo e não quer entender!... Quando disse para ele, Nina, que você ficou aqui por causa dele, quase desmaiou. Encostou-se ao armário de livros, ficou horrivelmente pálido, começou a ficar vermelho, a ficar pálido, com a face enegrecida... Berrou, as janelas tremiam: “Se todas as mulheres com quem andei pelo mundo emigrassem, haveria um campo de fugitivas por aqui! Ela que retorne agora mesmo de onde veio! Se ela me aparecer aqui, eu vou deportá-la para Varsóvia, pessoalmente! Sei os planos dela. Ela pensa que eu sou burro! Fora!...” E ele me botou pra fora.

Nina cobre os ouvidos com as mãos. Pode ser a gritaria de Sava. Ou o instinto de mulher traída. Mas, assim que Sava pára com as “citações”, ela começa a justificar-se.

NINA – Causa de el quer lárqa ballet, país, o famflia! Tudo que eu ter e gostar na vida! Ele corresponde com mim, todo dia telefona, eu vir! Eu não querer você para divertição! Não ser caipira da interior! Por favor, Sava, por favor, falar para ele, me levar até ele! Quer falar com ele! Por favor... Causa de ele eu... eu...

A moça começa a soluçar, começa a chorar, agarra a tesoura e a toma com as duas mãos.

NINA – Fala com ele! Ele esquecer tudo!

SAVA – Nina! Não!

O homem salta, agarra-a pelas mãos. Vencida, Nina soluça. Sava leva-a até o sofá. Ajuda-a a sentar-se... Sob o cotovelo direito dele, começa a correr um fio de sangue. Nina olha assustada para as mãos ensangüentadas de Sava.

NINA – Ferir o pan? Sava, por favor, não zangada! Por favor, não zangada! Não saber o que faz... não saber...

Tira um lenço de seda do peito e enrola na mão dele... E ele enxuga-lhe as lágrimas com as mãos imundas, deixando um rastro negro.

SAVA – Nina, será que você fala inglês? *English?*

NINA – *Tak, tak.*

SAVA – Meu amigo poeta fala inglês... Eu vou trazê-lo... Assim não faz mais sentido. Eu falo, você olha, você fala, eu olho. Ele é um grande amigo meu. Ele não vai denunciar você. Ele leu para mim as poesias dele contra a polícia... Senta, ouve um pouco de música... venho já...

Sava aperta o botão do toca-discos, aumenta o volume, como se aumentasse a dose do calmante e sai, apressado... Nina cobre o rosto com as mãos, põe a cabeça sobre os joelhos. Chora em silêncio, triste, com auto-piedade.

O limpa-chaminés volta, conduzindo o trêmulo Teia. O poeta tem uma meia remen-



**Bom... a aldeia se chama Lobato... E eu, como
você bem sabe, também... Na minha terra, as
aldeias e as pessoas acabam se chamando conforme
os corpos, ou segundo um animal qualquer...**

dada sobre um dos pés; o outro está descalço, e numa das mãos traz um botão de rosa, colhido – incrivelmente – nalgum lugar do jardim.

SAVA – Nina, este é meu amigo, Teia... Conte tudo para ele. Ele vai...

Teia aproxima-se da bailarina, faz uma mesura, beija-lhe a mão e entrega a rosa.

TEIA – *Dear Miss, I'm honored to meet you. As an admirer of your art, I'm sincerely sorry for everything that has happened to you.*

NINA – *Dear friend, it looks as if I've made a terrible mistake. Tell me everything. I want to hear the truth no matter how unpleasant it may be.*

TEIA – *Dear Miss, my good friend has told you – though I'm not sure how much you've understood, that your Pavle is a man unworthy of confidence, respect or love. He has taken your great and pure love as a passing affair during his idle days in Warsaw. He is married and has two children... He doesn't want to see you... I'm sorry I had to tell you all this. There are so many nice things I would like to translate to you... Well, that would be about all... the essential...*

NINA – *So, that means he doesn't want to see me?*

TEIA – *No... he doesn't.*

Sava observa, curioso, a conversa dos dois jovens, como se assistisse a uma cerimônia mística: a bailarina em roupas de Desdêmona, com um botão de rosa nas mãos, e o poeta com uma das meias – tudo em seu quatinho tão distante do artista e da arte. E falam inglês.

NINA – *Is it possible, dear friend, that such a man exists?*

TEIA – *As you can see, it is. This world wouldn't exist if it weren't for Sava... Of course, in the great world civilization of darkness and savagery, with every passing day, he becomes more and more a pure metaphor. A good, tender and lonely metaphor.*

Nina põe a cabeça sobre os joelhos encolhidos. Teia fica parado, como se fosse a estátua de si próprio.

SAVA – Você disse tudo para ela?

TEIA – Sim, o fundamental.

SAVA – Não disse.

TEIA – Disse.

SAVA – Não disse. Eu não contei tudo para você... Quis deixar algumas coisas de lado, mas é melhor que eu diga tudo, e que ela decida o que é que vai fazer e como fazer. Teia, meu amigo, traduza o seguinte: Pavle me falou que ela ficou aqui apenas para conseguir um passaporte através do casamento, e para ir pro Canadá, logo em seguida, onde ela abriria uma academia de balé. Ele diz que na família dela todos lidam com alguma arte ou algum esporte útil para a emigração. Ele diz que ela só quer, e acima de tudo, um passaporte. Então, pode casar-se com qualquer um. E diz mais: não quer servir de ponte polonesa de emigração.

TEIA – Meu caro, eu não desejo traduzir ofensas baixas de um dos nossos canalhas. Ele sabe tudo sobre a canalhice dos outros, exceção feita ao fato de não saber que ele é que é um lixo e um canalha.

SAVA – Teia, eu preciso contar tudo o que ouvi. Quero ter a consciência limpa. Eu, durante esse tempo, passei... a gostar dela... como se fosse da família. Ela deve saber de tudo, deve decidir o que fazer. Não pode se esconder mais, assim. Diga que ela se arrependa e que volte, ou que se case com outro. Se é verdade, se há o menor fundo de verdade nisso, que ela antes de mais nada deseja um passaporte, deseja mudar pro Canadá, diga-lhe, então, está aí, eu posso casar com ela, assim... De todo o coração – eu concordo em ajudar. Casaríamos amanhã mesmo... Assim que ela receber o passaporte, ela pode ir embora. Tenho algum dinheiro, posso vender alguma coisa, vou comprar

uma passagem pro Canadá. Se ela der certo lá, pode devolver o dinheiro, se não der, vamos fazer de conta que não aconteceu nada. Sabe, é melhor que ela largue de mim, assim, se a gente se entender, do que abandonar alguém que possa se apaixonar por ela, sinceramente... Por que ela faria com alguém o que fizeram com ela?...

Sava tira da camisa negra de limpador de chaminés uma caixinha vermelha, segura-a por instantes sobre a palma da mão. Depois, abre-a com cuidado. Reluz, então, um diamante sobre um anel de noivado. Nina observa confusa o anel que brilha sobre as mãos negras. A sirene de um carro de polícia toca no quintal, e o barulho enche o quatinho. Pelo vidro da porta, vê-se uma luz azul e branca, que gira. Nina encolhe-se e cobre-se com a manta. Sem convites, o antigo inquilino Lobato entra. Depois de longos anos, vem fazer uma "visita", pela primeira vez.

TEIA – Com ele, vocês podem conversar sem mim. Eu não entendo a língua dele. Precisaria de um intérprete...

Teia sai zangado... O policial senta-se à mesa. Sava fica parado imóvel, no meio do quatinho, segurando ainda o anel nas mãos. Não sabe o que fazer. A música de Tchaikóvski enche o ambiente, como se viesse de um outro mundo.

Fim da primeira parte.

VII. O teatro denuncia a vida.

Sava Limpa-Chaminés e o policial estão sentados à mesa. Calados. Nina encolheu-se no sofá. Observa, assustada, o homem uniformizado, que não a encara, como se ela nem existisse. Ninguém pergunta nada. E sem perguntas, não há conversa. O policial faz um movimento brusco – com a mão direita. Lança a mosca ao chão. Ouve-se um golpe miúdo, surdo, como se fossem grãos. E põe a mão sobre a mesa novamente, como se não tivesse feito nada. Sava respira fundo, olhando a mosca morta no chão.

SAVA – Não sei de onde vêm tantas moscas, mariposas, baratas, insetos, mosquitos, formigas amarelas, camundongos, ratos... Será que não são os defuntos que os atraem?...

POLICIAL – Lá, na minha terra, as moscas se juntam por causa do gado... por causa das moscas, as lagartixas... por causa das lagartixas, as cobras...

SAVA – Cobras venenosas?

POLICIAL – Elas nem precisam morder você. Basta que olhem... Todas as cobras são venenosas. Umas apenas fazem de conta que não são.

SAVA – Cogumelos também são venenosos.

POLICIAL – São. Mas sofre-se mais por causa das bombas e das minas do que por causa dos cogumelos. É fantástico como os cogumelos crescem junto a minas não detonadas. É como se o metal os atraísse... Às vezes, a gente fica sentado junto à fogueira e, de repente, ouve, lá nas montanhas, uma explosão! Os lobos pisam em minas não detonadas. No dia seguinte, encontramos três ou quatro deles... se as águias não os devoraram ainda.

SAVA – Tem muitos lobos lá, é?

POLICIAL – Bom... a aldeia chama Lobato... E eu, como você bem sabe, também... Na minha terra, as aldeias e as pessoas acabam sendo chamadas conforme os corpos, ou segundo um animal qualquer. Meu tio, por exemplo, chama-se Mátzan Bundov, da aldeia de Cobreiro.

SAVA – E de onde é que vêm tantos lobos?

POLICIAL – Bem... na verdade nós é que somos os culpados. Acabamos matando, num ano qualquer, todos os ursos. Aí apareceram as alcateias de lobos.

SAVA – E o lobo não é pior do que o urso?

POLICIAL – É, claro que é. O urso é um animal imperial, imponente. O lobo é um animal violento, traiçoeiro. E os ursos hibernam, quando a gente passa pelos piores bocados. Agora, o lobo fica à espreita, na neve e na tempestade. Quanto pior para o homem, melhor para o lobo. À noite eles pisoteiam as estradas, é como se tivesse passado um exército inteiro. Assim que escurece, ele espera você, à porta.

SAVA – E por que é que vocês mataram os ursos, então?

POLICIAL – Porque... Porque a gente trabalha contra si próprio. De tempos em tempos, o inimigo só dá uma mãozinha.

SAVA – Vocês eram bons caçadores!

POLICIAL – Pô... a gente levava apenas uma bala por caçador. Um caçador, uma bala. Uma bala, um animal... Esses aí, hoje em dia, vão à caça e você nem enxerga eles, de



tantos cartuchos e armas. Como numa guerra.

O walkie-talkie toca na cintura do policial. Lobato pega o aparelho. Liga-o. Ouve-se uma voz metálica.

VOZ – Lobato, desculpe, mas escuta a tua música...

POLICIAL – Que música, Iovan?

VOZ – Aquela, a música que se chama “A gentil moçoila tocou fogo no ninho do falcão”.

O volume do aparelho aumenta com a música anunciada. Lobato olha pensativo para o aparelho, como se tivesse esquecido onde estava... Desliga o walkie-talkie.

POLICIAL – É o Iovan, do carro-patrolha... Moço, alegre.

Continuam calados. Nina escuta a conversa deles, provavelmente pensando que o policial está interrogando o dono da casa, culpado. Enquanto isso, Lobato fixa o olhar nos sapatos oficiais, reluzentes. Depois, encolhe-se, como se tivesse ficado com vergonha. Sava começa a levantar-se, indeciso.

SAVA – O que é que eu posso servir pra você? Uma boa aguardente?... Você não voltou aqui durante anos. Não pode ir embora, assim, sem tomar nada.

POLICIAL – Obrigado, mas não bebo... cinco anos... nem uma gota...

SAVA – Nem uma gota?! Por quê?

POLICIAL – Deixa pra lá... por causa da caça... Da última caçada.

SAVA – O que é que aconteceu?

POLICIAL – Bom, é que... Hmmm! tsc! tsc! tsc!... Se eu contasse para alguém, pensaria... Deixa pra lá, deixa pra lá! Hmmm!

SAVA – O que é que houve?

POLICIAL – Bom... aí, faz cinco anos, os meus, lá, me chamaram. Disseram, vem, os javalis devoraram tudo por aqui; assustaram até os lobos. Aí, eu pego e vou. Chego em casa, o pai tinha se trancado... E ele já estava doente... Um homenzarrão daqueles, pele e osso... A gente se prepara, pega as armas, e de noite, saímos, o finado pai, o finado Mile, e o finado Buda... Batemos na casa do finado Zláia, onde estavam sentados o finado Tcheda e o finado compadre Ibro... Ali mesmo, a gente combina de atravessar o rio, de madrugada, e ficar de espreita, no alto do rochedo... À beira do rio, o finado professor Krsta esperava também. Ele já tinha montado uma espécie de jangada. Mas o rio se agitava, era que nem o mar. Era tão fundo, quanto largo, e espumava, feito cachorro doido... E ele, de lado, ali, fumando, fumando... põe o pé na jangada... e fuma... fuma... calado...

SAVA – Fuma? Quem fuma?

POLICIAL – O Rade, o barqueiro... Fuma o finado Rade e diz: “A gente não vai agüentar tanta água...” Foi à toa. Decidimos... no meio do rio, os caibros se desmancharam que nem serragem... Eu fui o único que escapou nadando...

SAVA – E vocês estavam de fogo?

POLICIAL – Olha... de fogo... Nem eu mesmo teria escapado, se não tivesse agarrado o rabo de um javali, que consegui atravessar o rio, nadando... O bicho que eu fui matar, me salvou.

SAVA – Você vê, por favor...

Ficam calados, novamente... Sava observa a bailarina, de soslaio. A moça abraça os joelhos. Nem respira.

POLICIAL – E você precisa criar porcos?

SAVA – É, preciso... Você vê, que crise!

POLICIAL – Crise, crise, crise! Mas essa palavra significa mais, quando se repete mil vezes por dia, e até os dirigentes repetem. Agora vira crise dizer “crise”. Ao contrário de nós, os alemães perderam a guerra, foram arrasados, e agora são novamente uma potência econômica. Mas poderiam, muito bem, estar numa crise terrível...

SAVA – Desculpe, mas não é o nosso caso.

POLICIAL – Como não?

SAVA – Bom, é muito importante saber ao lado de quem você perde a guerra.

POLICIAL – Sei... você quer dizer, é mais importante saber ao lado de quem você vence a guerra?

SAVA – Eu não disse isso.

POLICIAL – Mas pensou...

SAVA – Deixa pra lá os pensamentos. Vamos ficar com as palavras... Se bem que os pensamentos são mais fortes do que as palavras. Meu finado tio dizia: Será que tem alguém que consegue derrubar os meus pensamentos... sem as mãos?

POLICIAL – É...

SAVA – Então...

POLICIAL – Pois é..., pois é...

SAVA – Sim..., é...

POLICIAL – Bom, então... Sim... se a gente pensar...

SAVA – Bom,... e você tem saudades, lá, da sua aldeia?

POLICIAL – Feliz daquele que não precisa ficar sonhando com sua terra natal... Um antigo provérbio, que eu inventei, às custas de sofrimento... Cadê aquele requerimento? Daquele seu limpador de chaminés?

Sava tira do bolso uma folha amarrotada e escura. Lobato tira o quepe, começa a enxugar o pescoço e a nuca com o lenço.

SAVA – Não sei se está escrito como se deve. Você dá uma olhadinha, e se precisar acrescentar... ou tirar... Olha.

POLICIAL – Escrito a mão?! Tá, lê aí... Mas que alguém bata isso aí para ele, a máquina... a máquina...

SAVA – Prezados camaradas. Dirijo-me a vocês, com um pedido amistoso, para que me prendam junto com minha mulher, do começo de novembro até o fim de março ou abril, se o inverno for longo e duro. Estou provisoriamente aposentado, por causa de problemas na coluna, pulmão, coração, circulação, rins e olhos, e minha aposentadoria é tanta que eu nem sei. Somos pessoas de idade e a gente não faria qualquer bobagem para ser preso por roubo ou estelionato, porque a gente sempre viveu honestamente, aliás foi o que nos deixou nesta situação. Ficamos pensando como seriam seis meses de prisão no inverno, mas que fosse algo humano, e honroso. Eu andei perguntando às pessoas, e algumas logo me aconselharam a ofender, em lugares públicos, as maiores e mais históricas personalidades que, na verdade, possibilitaram que tivéssemos tudo isso que não temos...

POLICIAL – Pára... Ele menciona alguma causa concreta, devido à qual está apresentando o requerimento?

SAVA – Menciona: Escrevo isto, porque o caso do meu colega Stevo Sentinela, limpachaminés, aposentado, me assustou. Ele comprou quatro caixões, para a mulher, para o pai, para a mãe e para si mesmo, porque ouviu falar que os caixões iriam aumentar duzentos e oitenta por cento no mês que vem. Stevo nem tem esse dinheiro, e receia que podia acabar sem ser enterrado, o que causaria problemas sérios pra família e pra sociedade, e ele sequer teria condições de ajudar. Prezados camaradas: se os caixões, realmente, subirem duzentos e oitenta por cento, terei de guardar toda a aposentadoria até o final da vida, pra mim e pra minha mulher, Koça, de modo que não pode ficar muito pior do que já está. Prezados camaradas, pensem vocês a esse respeito, e comuniquem-me quando poderemos ir aí, pra gente ser preso. Vocês não precisam mandar um carro ou os guardas. Nós podemos ir a pé, a gente sabe onde é que vocês estão. Em troca, eu poderia limpar fornos, chaminés, caldeirões e a Koça poderia lavar e cozinhar. A gente não ia ficar lá, sentado, assim, à toa. A gente agiria como pessoas honestas, honradas. Vália Pólitch... É isto.

POLICIAL – Bom... Que alguém, então, bata isso a máquina.

Calam-se, por longo tempo. O limpa-chaminés fica observando Nina, e o policial, com os punhos de montanhês sobre os joelhos. Sava suspira, volta-se para o antigo inquilino.

SAVA – Mas é preciso?

O policial continua calado, sem levantar a cabeça.

SAVA – Foi uma ordem?

O policial continua calado.

SAVA – Você não veio aqui por sua vontade? Foi uma ordem?

O policial continua calado.

SAVA – Vão mandar ela de volta à Polônia, sob escolta? Será que lá eles vão condenar Nina?

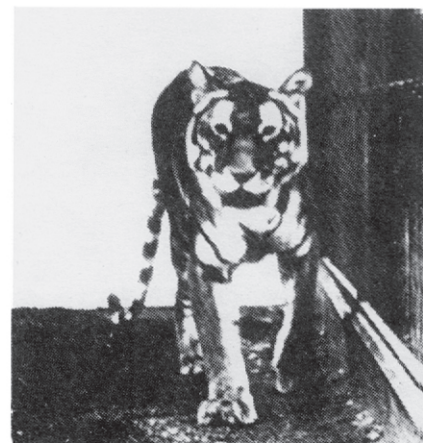
O policial continua calado.

SAVA – Você podia voltar aqui, pela primeira vez, por causa de um motivo melhor... Será que eu posso pedir uma coisa, para você fazer a um velho ex-amigo?

POLICIAL – Diga.

SAVA – Leve ela à noitinha. Me dá um tempo, quero... eu preciso ajudá-la. Me faça isso.

POLICIAL – Mães nada?



Contra-contra-revolução?... é quando acontece depressa uma nova revolução, que repõe tudo nos eixos, como se não tivesse acontecido nada, a não ser a diminuição do número de habitantes...

SAVA – Mais nada.

POLICIAL – E como... você quer ajudar?

SAVA – Vou encontrar o camarada Iagocha. Vou contar tudo para ele. O irmão dele é poeta, talvez ele respeite os artistas. Ela foi enganada por um patrício nosso. Seria certo que um outro patrício nosso ajudasse, pelo menos. Não faz sentido, Lobato, que ela não chegue a conhecer ninguém, nesta cidade, que tenha ao menos a aparência de ser humano. Seria injusto com as pessoas honestas e com a cidade.

O policial levanta-se.

POLICIAL – A que horas devo vir?

SAVA – Bem... lá pelas seis, sete... O mais tarde que puder... Eu entendo você, Lobato. Sua região está cheia de bichos terríveis... Nem eu mesmo voltaria para lá.

POLICIAL – Deixa pra lá.

SAVA – Eu só queria saber uma coisa: quem foi que denunciou?

POLICIAL – Ninguém... foi assim... pessoalmente...

SAVA – Ninguém?

POLICIAL – Ninguém... Vi tudo, ontem à noite, no teatro. Se você estivesse lá, comigo, Sava, ficaria fazendo o sinal da cruz, o tempo todo. Eu nunca vi algo assim em toda a minha vida.

SAVA – Alguém disse, no teatro, que ela estava aqui?

POLICIAL – Que nada! Vi tudo no palco. Como a bailarina dançava, como ela ficou no *container*, enquanto o limpa-chaminés e o policial conversavam, e como o limpador de chaminés e o guarda falavam e como o limpa-chaminés a levou para casa, como comprou o toca-discos para ela...

SAVA – Você viu onde? Que conversa é essa, Lobato?

POLICIAL – Nem eu mesmo acreditaria, se você me contasse. Mas é uma peça assim que estão passando. Uma bailarina qualquer, igualzinha a ela, um limpador de chaminés, que nem você, um policial, que nem eu. E isso tudo o que estou contando para você, e o que você está ouvindo, e que o carro-patrolha está me esperando, e que ela está tremendo no sofá – tudo isso! Juro, Sava, tudo, assim, só que... por exemplo... é que lá é uma sala de espetáculos e estou sentado na primeira fileira.

Mostra a platéia, onde um policial uniformizado está sentado na primeira fileira, como se fosse o irmão gêmeo de Lobato.

POLICIAL – Tudo igualzinho. Eu no palco, eu na platéia. O público me reconheceu no palco, quer dizer... na platéia... e as pessoas ficavam se virando para mim. E quando estava saindo, perguntaram: “O senhor vai levar a bailarina?”. É um pouco desagradável. Ela está na casa do amigo. Mas, agora o senhor deve saber onde ela está, não é. Perguntavam a mesma coisa para o policial da peça. E ele dizia: Bom, devo. Eu não faria, por causa do meu amigo. Mas agora todos já sabem onde ela está. E ele, na peça, denuncia o caso pro chefe, o chefe expede uma ordem de prisão. E aquele lá vai à sua casa, e você, depois de uma conversa sobre a terra dele, pede que ele não a leve até de noite. E aquele lá concorda... E aquele lá também ficou buzinando à porta... e aquele lá gritou, lá da porta: Peraf! Esperaaa!

O policial vai até a porta, enquanto fala sobre “aquele policial” e grita com o motorista do carro oficial, que espere.

SAVA – Meu Deus Lobato, o que é que você está contando... Você quer dizer que o teatro está denunciando a vida ao povo?

POLICIAL – Sava, eu não sei, mas não dormi a noite toda... até de noite... tudo de bom...

Sai... Pára junto à porta, volta-se e confia.

POLICIAL – Eu vou dizer uma coisa para você, mas, por favor, que fique aqui, entre

nós. Aquele lá caiu.

SAVA – Quem?

POLICIAL – Aquele...

SAVA – Aquele qual?

POLICIAL – Aquele lá, o que esperamos... Djanangu Debango.

SAVA – Caiu onde?

POLICIAL – Lá.

SAVA – Lá, onde, seu?

POLICIAL – Lá, na terra dele. Agora os nossos jornais não vão escrever nada sobre isto. Ele vai ser acompanhado com todas as honras, como se nada tivesse acontecido. Mas assim que o avião levantar vôo, vão anunciar que ele caiu. Mas, parece que ele está numa pior! Ninguém quer receber ele!

SAVA – E como é que ele caiu?

POLICIAL – Foi deposto. Assim que ele saiu do país, o povo ergueu-se numa contra-contra-revolução.

SAVA – Contra-contra-revolução??

POLICIAL – É. Isso é quando acontece depressa uma nova revolução, que repõe tudo nos eixos, como se não tivesse acontecido uma contra-revolução. Aconteceram duas, e não aconteceu nada, a não ser a diminuição do número de habitantes. A própria palavra explica: contra-contra-revolução!

SAVA – Cada uma!

POLICIAL – E os nossos não sabem o que fazer com ele. Se pelo menos ele tivesse algum estudo...

SAVA – O quê? Ele está desempregado?

POLICIAL – Sem nada. Assim que esfriou, tiveram de dar um casaco para ele. A mulher dele achou alguém igualzinho a ele, e ele governou dez dias, sem que ninguém percebesse. Esse daqui recebeu um telegrama do outro, avisando que ele o devoraria, se voltasse.

SAVA – Escuta, Lobato, posso pedir mais uma coisa pra você?

POLICIAL – Diga.

SAVA – Sugira aos nossos que dêem um passaporte para ela, lá pro Canadá. E eu vou empregar aquele sujeito lá.

POLICIAL – Pra limpar chaminés?

SAVA – Isto!

POLICIAL – Sava?!

SAVA – Eu não estou convidando o sujeito para roubar. Vai comer o pão que o diabo amassou, mas será honesto. Talvez pela primeira vez na vida...

POLICIAL – Mas você já teve pouca preocupação com a bailarina polonesa... agora só falta o presidente deposto de Djufamba... Será, Sava, que pelo menos uma vez na vida você poderia pensar em você mesmo?

SAVA – Olhe... eu topo tudo... Qual é o fim daquela história?

POLICIAL – Que história?

SAVA – No teatro?

POLICIAL – Você diz, o final?... Bom, é assim... termina mal pro limpador de chaminés... Como ele... Mas, deixe pra lá o teatro!

SAVA – O que é que acontece?

POLICIAL – Nada!

SAVA – Diga.

POLICIAL – Bom, é que nem você... como ele... comete dois suicídios.

SAVA – Dois suicídios?

POLICIAL – É sim... Ontem à noite, fui. E nunca mais. É até melhor que você não tenha ido. Volto às seis.

Sai apressado... Sava aproxima-se de Nina, senta-se junto à bailarina, no sofá.

SAVA – Nina, precisamos ir agora à casa de um amigo meu. Ele mesmo... ele deve ajudar... Ele é uma pessoa muito importante e influente. E se ele concordar – e bem que devia –, eu mesmo já fiz favores para ele na vida...

A moça encosta a cabeça no ombro do limpa-chaminés; as costas da bailarina tremem como as de um animal assustado.

SAVA – Por favor, não chore. Se você chora, eu não posso imaginar nada que seja inteligente... Acalme-se... e vamos então.

A moça enxuga os olhos. O limpa-chaminés abraça-a, fortemente, protetoramente.



E em algum lugar, no quintal, o chamado do noivo Leopold Vajik: Niinaa! Ninaaa! Niinaa!...

VIII. Tentativa de assassinato fora do palco.

O infeliz Teia deitou-se sobre a mesa, entre livros e manuscritos. Estendeu o pé de baixo da mesa. Sobre o pé direito, uma das meias. A irmã, que veste luto, continua remendando o outro pé. Iagocha entra no quatinho. Dá voltas, procura alguma coisa.

IAGOCHA – Teia, será que você viu minha gravata cinza nova em algum lugar? Ei! Teia!

Teia soergue a cabeça e olha para o irmão, confuso.

IAGOCHA – Você dormiu à mesa?

TEIA – É, parece... adormeci.

IAGOCHA – Claro, se você não dorme quando todas as pessoas dormem.

TEIA – E não vivo “como as outras pessoas vivem”.

IAGOCHA – E como é que você vive? Eu tenho curiosidade de saber: Como é que você vive?

TEIA – Feito cachorro.

IAGOCHA – Para um cachorro, até que você se comporta bem.

TEIA – É, mano. Ainda estou nos meus melhores dias de cachorro. Ontem à noite, o vizinho levou o seu cachorro para passear. E eu levei – a mim mesmo. Cada um com seu cachorro...

IAGOCHA – E vocês latiram?

TEIA – Sim. Eu e o vizinho. Ele latiria, se tivesse comprado um cachorro para sentir-se um pouco mais humano.

IAGOCHA – E por que é que você não arruma um cachorro?

TEIA – Agora é tarde, mano. Já sou cachorro demais.

IAGOCHA – E você acha que é tarde?

TEIA – Acho!

IAGOCHA – Ótimo! Ótimo!

TEIA – E o que é que é “ótimo”?

IAGOCHA – Ótimo que você tenha começado a pensar... Será que você tem alguma coisa parecida com uma gravata?

TEIA – Tenho... uma coleira e uma corrente. Pelo menos, tem quem possa levar você para passear.

IAGOCHA – Eu é que vou arrumar uma camisa pra você! Camisa de força! Eu vou fazer você ficar inteligente, sua besta! Caia fora!

Iagocha sai da casa, correndo. Teia acena com a mão e começa a examinar o manuscrito. Segura a cabeça com as mãos, como se ela fosse de outra pessoa e pesada demais. Iagocha entra no quarto, apressado. Dá voltas, procura alguma coisa.

IAGOCHA – Teia, será que você viu minha gravata cinza nova em algum lugar? Teia?

Teia levanta a cabeça, confuso, e olha para o irmão.

IAGOCHA – Você adormeceu à mesa.

TEIA – Eu não... Faz pouco tempo, adormeci e sonhei que você estava me acordando. Agora estou acordado.

IAGOCHA – O que é que você fica aí, falando abobrinhas! Acordei você agora mesmo!

TEIA – Agora, não!

IAGOCHA – Você dorme à mesa, porque não dorme como as outras pessoas.

TEIA – Ora, por favor, sei de tudo. Você já me disse tudo. Sonhei agora mesmo que brigamos por causa disto.

IAGOCHA – Bom, e como é que você vive, então? Eu gostaria de saber!

TEIA – Pára com isso, Iagocha, por favor.

IAGOCHA – Cadê a minha gravata?... Eu vou atrasar...

TEIA – Você não vai atrasar. Ontem, você já disse tudo. Ouvi o seu discurso na inauguração da Casa da Cultura.

IAGOCHA – Então, você estava lá? Eu nem vi você.

TEIA – Você não viu ninguém. O microfone estava a dois quilômetros do povo. Mas dava para ouvir você muito bem. Vocês têm um excelente sistema de som.

IAGOCHA – O melhor! Mas, diga, rangia?

TEIA – Rangia! Dentro da sua cabeça!

IAGOCHA – Então, eu disse algo que não devia?

TEIA – Disse!

IAGOCHA – O que, por exemplo?

TEIA – Tudo!

IAGOCHA – Tudo?? Tudo mesmo?

TEIA – Tudo, mesmo!

IAGOCHA – Será que nem por acaso eu consegui falar alguma coisa que prestasse?

TEIA – Não! Se bem que você se esforçou nesse sentido...

IAGOCHA – Interessante... Você ouviu o discurso todo...

TEIA – Todo. Você falou durante três horas, debaixo de um sol de rachar e num campo que não tinha sombra alguma. Os estudantes tinham esquecido as canções, as flores tinham murchado nas mãos deles e as camisas dos estudantes ficaram empapadas de suor. Fazia um calor de rachar. E os pais das crianças, ali, olhando os filhos, e pedindo a Deus que você terminasse, ou que um raio te partisse... E eles ficavam se perguntando: “Que Casa da Cultura é esta, se está sendo inaugurada de um modo tão inculto?”. E você, mano, ali, sem parar, sem falar coisa alguma compreensível e simples. No final, as crianças, quase inconscientes, ficaram declamando as poesias programáticas de vocês, o que é desumano mandar decorar...

IAGOCHA – Nossas poesias programáticas! Nossas? Você se engana, um pouco, maninho. Essas são poesias dos melhores, dos maiores poetas de vocês. Os poemas de vocês!

TEIA – E quem é que fez a escolha dos poemas?!

IAGOCHA – Os melhores professores de vocês! E os melhores especialistas de vocês é que os declamaram! E os melhores pais de vocês é que ouviram!

TEIA – Então, você quer dizer que nós trabalhamos contra nós mesmos?

IAGOCHA – Trabalham, claro!

TEIA – E vocês, então, só nos dão uma mãozinha, assim, não é?

IAGOCHA – Que nada! A gente só não atrapalha vocês... Vocês é que têm todo o direito de trabalhar contra vocês mesmos. Mas vocês, em sua débil astúcia, em sua baixaza, em seu puxa-saquismo cometem tamanhas besteiras que elas ultrapassam até mesmo nossas próprias expectativas... Eu, por exemplo, protestei contra o fato de acender fogueiras debaixo de um sol de trinta graus, para que eles ficassem dançando em volta, como se vocês fossem uma tribo africana qualquer. Bom, eles lá dançam até mesmo debaixo de cinquenta graus de calor... Mas a finalidade da dança deles é diferente: é para espantar os Maus Espíritos.

TEIA – Bem, então nós dançamos é para chamar, para invocar os Maus Espíritos?

IAGOCHA – Exatamente! Exatamente! E isso nem as tribos africanas fazem! Vocês invocam os Maus Espíritos, e quando eles aparecem, vocês põem as mãos sobre a cabeça e olham, boquiabertos, para aquilo que vocês acabaram de invocar, para aquilo que passa a rodeá-los. O que é que vocês querem? O que é que vocês querem há meio século? Que alguém leia os pensamentos de vocês, que fique ouvindo os cochichos e as rezas, ou que alguém leve a sério discursos de bêbados, que alguém fique espiando no interior dos pesadelos, ou que alguém se suicide por causa da interpretação dos desejos mais secretos de vocês? E quem é que podia fazer isso entre nós? Vocês sabem... nós somos bobos, simples, primitivos?! Diga! O que é que vocês querem fazer com o povo? e não apenas cinco de vocês...? Vocês devem entender-se com o povo e dizer-nos: “Não queremos dançar ao redor de uma fogueira sob um sol de trinta graus”. Certo?! Apaguem o fogo ou o sol! Apaguem alguma coisa! Foda-se!

TEIA – É? E vocês concordariam?

IAGOCHA – Deveríamos concordar, é claro!

TEIA – E você quer que eu diga quando é que vocês “concordam”, quando é que vocês cedem ou como é que vocês governam?

IAGOCHA – Diga, diga... porque eu não tenho a mínima idéia...

TEIA – Vocês mudam apenas a velha astúcia camponesa: se precisamos transportar quinze carneiros dentro de um espaço apertado, pequeno, então, bem, os camponeses enfiam vinte cabeças e, depois de algum tempo, quando os carneiros começam a sufocar-se, tiram três, para que os dezessete restantes respirem, para que se sintam melhor, embora houvesse espaço para apenas quinze deles... Esta é a compreensão de vocês, esta é a maneira pela qual vocês cedem... sabendo de antemão quando é que começa o sufoco...



...publicamos um fragmento do livro *Caminhos e desvios da esquerda européia*, do camarada Iagocha Fim. Por engano, citamos Bora Mílitch como autor do texto. Apresentamos nossas desculpas a Mílitch.

IAGOCHA – E as dezessete infelizes ovelhas começam uma longa viagem... Cadê a minha gravata?... Essa história de ovelhas não serve para você. Você disse que era um cachorro! Você não dorme à noite, fica ladrando para as sombras e para as estrelas... fica guardando o rebanho infeliz. E fica me mordendo, pelas costas, traiçoeiramente...

Tira um jornal do bolso.

IAGOCHA – E é isso que você me apronta... isso!... isso! esta correção... nesse... nesse... lixo de vocês!

TEIA – Que correção?

IAGOCHA – Isto!... isto!... esta piada de cachorro: “Nota da redação: na última edição do Jornal Literário, publicamos um fragmento do livro *Caminhos e desvios da esquerda européia*, do camarada Iagocha Fim. Por engano, citamos o professor Bora Mílitch como autor do texto. Desejamos apresentar nossas desculpas ao professor Mílitch”.

Teia sorri. Iagocha encontra a gravata dentro do bolso do paletó.

IAGOCHA – Tempos atrás, pelo que se faz hoje em dia alguém acabaria sendo preso, com certeza.

TEIA – E você sabe por que é que hoje em dia vocês não prendem ninguém?

IAGOCHA – Porque somos burros!

TEIA – Pelo contrário! Porque vocês são inteligentes! Se vocês prendessem todo mundo que impede vocês de concretizar os planos geniais de vocês, e continuassem agindo errado – e vocês sabem que não conseguiriam fazer nada certo! –, o povo iria perguntar: “E agora? Quem é que impede vocês? Por que é que nada melhora? Ninguém impede vocês... Quem é que é o culpado, agora?”. Mas, assim, ao contrário, enquanto existem “culpados de plantão”, postos em liberdade, vocês ficam em paz. Eles são os que destróem. Se eles inexistissem, como inexistem, vocês é que deveriam inventá-los, assim como vocês os inventam...

IAGOCHA – Cala a boca! Você realmente virou um cachorro! Cachorro louco!

Iagocha joga a gravata em direção de Teia, como se fosse golpeá-lo. Mas vira-se e teria saído da casa, se a campainha não tivesse tocado... Abre a porta, furioso. Entram Sava Limpa-Chaminés e Nina Herbert. A bailarina está enrolada na manta. O homem negro traz o toca-discos nas mãos.

SAVA – Bom dia, vizinho!

IAGOCHA – Bom dia? Qual é o problema?

SAVA – E como é que o senhor sabe que tem algum problema?

IAGOCHA – É que ninguém me procura por causa de coisas boas...

SAVA – Mas, camarada Iagocha...

IAGOCHA – Vizinho! Iagocha! Ou simplesmente Iago, como o senhor me chamava na infância... Do que é que se trata?

SAVA – Vizinho... bom... eu lhe peço... ajude-me... nos... a...

IAGOCHA – Como é que eu posso ajudar você ela vocês?

SAVA – Desculpe... parece que eu... que nós... chegamos numa hora inconveniente.

IAGOCHA – Diga, diga! Estou com pressa!

SAVA – Bom... é que eu te pediria... ao senhor...

IAGOCHA – E esta aí? sob a manta! é alguma artista?

SAVA – Uma grande artista! Ela é...

IAGOCHA – Uma artista de nível internacional?

SAVA – Sim, sim! internacional! internacional!

IAGOCHA – Eu já sabia... Assim que a vi sob a manta, assim...

SAVA – Ela é...

IAGOCHA – Será que existe alguém neste país que não é artista internacional? Basta

ter escrito dois poemas e já deseja um apartamento, o artista internacional! Basta ter escrito a metade de um conto... a outra metade ele vai acabar de escrever quando fizer a mudança! Basta ter desenhado um coelho, o pintor internacional! Mas, olhe, vizinho, eu não sou uma construtora multinacional para dar auxílio aos loucos internacionais! Os artistas internacionais que vão pedir auxílio pelo mundo afora, porque eu estou comprometido é com as pessoas comuns e normais! Os pedreiros, os mineiros, os metalúrgicos sem teto. A classe operária no poder e nas ruas!

SAVA – Camarada Iagocha...

IAGOCHA – Você tem um apartamento confortável, para poder tomar um banho depois da fumaça e da fuligem? Não tem? E por que é que não tem?

SAVA – Bem, é que eu...

IAGOCHA – Faz trinta anos que você limpa chaminés dos outros. Você também deve ser um limpa-chaminés internacional...

SAVA – Não sou, não. Eu tentei limpar as chaminés de Düsseldorf, mas não deu certo... Camarada vizinho! ela não precisa de um apartamento!

IAGOCHA – Não precisa de um apartamento?

SAVA – Não, não precisa.

IAGOCHA – É, ela tem a manta! A primeira artista internacional que não necessita de um apartamento! Quer dizer... ela já tem um...

SAVA – Teve... Ela é...

IAGOCHA – Divorciada! E quando damos uma casa, quanto tiramos dos trabalhadores, eis aí, depois de um ano! separados, novamente na rua! As casas vão para os paqueradores e namoradeiras! Por isso é que eu sugeri que fossem dados bancos de jardim para essa gente!

A bailarina esconde o rosto com a ponta da manta. Começa a deixar a casa... Sava tenta detê-la, carregando ainda o toca-discos.

SAVA – Nina, espera, por favor... O vizinho está um pouco indisposto... Ele não é assim como é... Conheço ele desde menino... Ensinei ele a andar... a falar... Teia, meu amigo, diga ao seu irmão quem a Nina é! Teia...

TEIA – Ora, apresente a senhorita, assim, como se deve...

SAVA – Camarada!... meu filho Iago... a camarada... a senhorita... é uma bailarina polonesa... é Nina Herbert.

Iagocha pára de andar furioso. Olha o vizinho como se não o tivesse compreendido bem.

IAGOCHA – Quem é a camarada?

SAVA – A bailarina Nina Herbert!

IAGOCHA – Bailarina? Nina Herbert?

SAVA – Sim, sim! Eles estão procurando... e nós pensamos... eu pensei que se o senhor tentasse..

IAGOCHA – Bailarina? Nina Herbert? Você está maluco? Que bailarina, seu?

SAVA – Sim, vizinho! Pergunte a seu irmão! Eu não apresentaria ao senhor alguém que não é quem é...

Fica correndo, enquanto fala. Segura a moça. E continua a explicar-se para Iagocha. Ao mesmo tempo, liga o fio à tomada, coloca o toca-discos sobre a mesa, aperta o botão... Ouve-se a música de Tchaikóvski...

SAVA – Desculpe-me, vizinho, o senhor não acredita... Agora, ela pode apresentar-se para o senhor... Por isso, eu trouxe o toca-discos. Será que alguém jamais... ninguém acreditou jamais em mim?

O homem negro aproxima-se da bailarina, tira-lhe a manta dos ombros, como se fosse um empresário de circo. Nina fica parada, como se tivesse ficado nua.

SAVA – Nina, por favor, dance alguma coisa – dois passos apenas... para que o vizinho veja que você é você mesma... Nina, vai, eles gostam quando se canta e dança para eles... Ela, vizinho, só vai dançar... Dois passos apenas e um movimento sobre a ponta dos pés...

A moça movimentada-se e faz uma expressão, como se algo lhe doesse. Devido à insistência do amigo negro, que lhe estende as mãos, como se estivesse cercando galinhas, Nina dá um segundo, um terceiro passo. Depois, livra-se do terror e da vergonha. E começa a dançar como se estivesse sobre um grande palco... Iagocha, aos poucos, vai sentar-se sobre uma cadeira, extasiado pela beleza que saiu debaixo da manta e com a grandiosidade da dança. Sava expressa um sorriso vitorioso. De todo o homem preto resta apenas o sorriso branco.



Em algum ponto de um quintal, ouve-se, novamente, o chamado do noivo, Leopold Vajik: Nina!... Niinaaaa! Teia enfia a cabeça no manuscrito, como se a dança humilhante lhe fizesse mal. Ou como se estivesse transcrevendo a vida que existe ao seu redor. Sava aumenta o volume do toca-discos e começa a dançarolar em direção de Iagocha.

SAVA – Bravo, camarada Iagocha!

Como o senhor sabe contemplar maravilhosamente!

Iagocha põe o indicador sobre os lábios. Observa, sem respirar, a dança de Nina. A música de Tchaikóvski a conduz através do pequeno quarto, modesto e apertado... E quando ela já se esquece até mesmo do lugar em que se encontra, e para quem está dançando, o noivo, Leopold Vajik, entra na casa feito tempestade.

*Finalmente, o homem furioso descobre a noiva que fugiu. Ele joga a capa cinzenta e aparece o traje de Otelo, o mesmo da cena inconclusa do Teatro Nacional. Tenta agarrar e tranqüilizar a bailarina, num movimento único. Mas ela gira, distancia-se dançando. Treloucado pela busca incessante, pelos chamados em vão, ofendido e humilhado, o bailarino-Otelo torna-se cada vez mais agressivo. Nina lhe escapa, como tantas outras vezes na conhecida cena do ciúme. O poeta e tradutor polonês Grabiński entra na casa, enquanto o desentendimento dos dançarinos continua. Grabiński aproxima-se da mesa, cumprimenta Teia, que lhe oferece uma cadeira. O senhor Grabiński, a exemplo de Iagocha, observa satisfeito o “balé doméstico”, sem suspeitar de que existe algo de incomum nos perigosos passos do noivo treloucado. Depois de alguns passos extraordinariamente belos da bailarina, em que Nina escapa ao assédio de Vajik “fora do palco”, Iagocha e o senhor Grabiński batem palmas e gritam, entusiasmados: “Bravo! Bravo! Bravo!”. Seus gritos fazem Nina apresentar o melhor desempenho da carreira. Apenas Sava se inquieta. Volta-se para Iagocha e tenta explicar-lhe algo. Mas o homem, encantado, sossega-o com a mão... E quem sabe quanto tempo esse “balé doméstico” não teria durado, se o noivo furioso não tivesse conseguido agarrar a moça pela mão. Com um movimento rápido, ele a faz girar, dobra-lhe a cintura sobre os joelhos e começa a sufocá-la... Iagocha e o senhor Grabiński batem palmas novamente e gritam: “Bravo!”. Pensam que se trata da grandiosa cena, apresentada até o fim. Entretanto, quando a moça deixa as mãos penderem, perdendo a respiração, e quando o homem enfurecido a deita sobre o assoalho, as pessoas levantam-se confusas. Leopold Vajik curva-se sobre a noiva, berrando: **OTELO-VAJIK – Matar você! Nina, você me trair! Dançar pelas casas! Matar, Nina, matar!***

SAVA – Gente?! Ele a está matando! está sufocando!...

O limpa-chaminés aproxima-se, agarra o noivo, procurando defender a bailarina desfalecida. Vajik tenta safar-se. Contudo, seus movimentos ainda se parecem com os do personagem do balé. É possível que a música de Tchaikóvski colabore para que isso aconteça, já que transforma as pessoas que lutam pela própria vida em personagens de uma coreografia estilizada. Diante da casa, ouve-se o freio rangente do carro-patrulha. Vê-se uma luz azul e branca, que gira. O policial Lobato “entra em cena” e ingressa na casa. Tenta acalmar o bailarino ensandecido. Mas este foge, obrigando Lobato a “dançar”, em posição incômoda. Da conhecida cena do ciúme, representada milhares de vezes, Teia observa, com desprezo, o “fim da cena doméstica”. E passa a redigir o “seu” manuscrito. O policial agarra o noivo finalmente; com um movimento oficial torce-lhe o braço, colocando-o sobre as costas. Leva o noivo até Iagocha, que se põe a gritar, bem próximo ao rosto do bailarino:

IAGOCHA – Será que você endoidou?

OTELO-VAJIK – Mata ela! Não ficar dançando pra vocês! Mata ela!

IAGOCHA – Leve-o embora! Leve-o!

POLICIAL – Camarada Iagocha...

IAGOCHA – O que é que há? O que é que você está esperando? Leve-o!

POLICIAL – É que eu recebi ordens para que ela também...

IAGOCHA – Deixe-a comigo... Leve este louco!

SAVA – Muito obrigado, camarada... vizinho...

POLICIAL – E eu devo acusá-lo de quê?

IAGOCHA – Tentativa de assassinato fora do palco.

POLICIAL – Eu não entendo... Ah! entendi!

O policial Lobato sai, levando Leopold Vajik... O carro oficial afasta-se rapidamente. O limpa-chaminés está ajoelhado junto à bailarina, segura-lhe a cabeça entre as mãos, como se estivesse pegando água.

SAVA – Nina... minha Nina... O que é que ele fez...? Nina... diga alguma coisa, por favor... Camarada Iagocha, ela está morrendo... Nina...

Iagocha aproxima-se. Toma o pulso da bailarina, com preocupação. Nina levanta a cabeça e abre os olhos:

IAGOCHA – Quer um pouco de água?... Água?

SAVA – Ela não entende nossa língua...

IAGOCHA – E como é que você ficou falando com ela?

SAVA – Com bastante atenção.

IAGOCHA – Com bastante atenção?

SAVA – É. Nina, você quer um pouco de água?

NINA – Não... obrigada... Sava...

IAGOCHA – *Mademoiselle, parlez-vous français?*

NINA – *Un peu... mais je comprend tout.*

IAGOCHA – *Chère mademoiselle, je vous presente mes excuses les plus plâtes, parce que tout est arrivé a cause de ma négligéance. Je pensais qu'il s'agissait d'un jeu, que vous et votre ami repetiez la scène que j'avais vu au théâtre. Pardonnez-mois, s'il vous plait.*

NINA – *Ce n'est rien... monsieur. J'ai pensé la même chose... Excusez-moi... que je me ressaisisse... Aidez-moi a me lever, s'il vous plait.*

IAGOCHA – *Oui... oui...*

Iagocha ajuda a bailarina a levantar-se, segurando-a pela cintura... Sava continua de joelhos, no chão.

SAVA – Ela foi enganada, vizinho, por um de seus... e nossos homens.

IAGOCHA – *Chère mademoiselle, ce soir-là, après le spectacle, je suis resté au théâtre a cause de vous. J'esperais vous voir à la réception. Je voulais vous féliciter de tout mon coeur. Je ne suis pas un grand connaisseur de ballet, mais après votre performance, j'ai compris pourquoi les gens vous admirent et vous aiment tant. Avec votre permission, je voudrais vous féliciter maintenant... J'ai été comme encorcelé par votre dance... et par vous-même.*

Iagocha curva-se e beija a mão da bailarina... Parece que ele fica com os lábios sobre a mão de Nina durante alguns segundos – ou é assim que Sava consegue ver, ajoelhado. A língua francesa, as belas palavras e o beija-mão curam a senhorita Nina Herbert.

NINA – *Je vous remercie, monsieur.*

IAGOCHA – *Je me permettrai de vous demander, ma chère mademoiselle, de venir avec moi. Après tant de désagrémments inutiles, vous avez bien besoin du repos. Considérez-vous comme dans votre bille, parmi vos plus chers amis. Ma voiture est dans la cour. Permettez-moi...*

SAVA – O senhor vai ajudá-la?

IAGOCHA – Mas é claro, mas é claro! Depois de tantos anos, finalmente eu encontrei alguém que, de fato, é uma artista internacional... Ela agora vem à minha casa, vai à minha casa descansar, reanimar-se e, amanhã, vamos resolver todas as formalidades oficiais. Será que ficou com vocês qualquer outro objeto dela?

SAVA – Não... E onde é que ela vai agora? Mas o senhor... vizinho... um solteirão... sozinho... um homem jovem...

IAGOCHA – Sim! Mas o senhor também é um solteirão, de meia-idade, ainda por cima... O senhor queria perguntar-me ou dizer-me alguma coisa? O senhor queria, caro vizinho? O senhor se cala, em voz alta?

SAVA – Bem... eu creio que ela também deseja... Ela já foi enganada por um de seus... nossos homens... Nina, agora você deseja ir? Você vai? Nina, você entende??? Será que você me entende, Nina?

IAGOCHA – Veja lá: “com bastante atenção!”. Com bastante atenção!

NINA – Obrigada, Sava... Muito obrigada, meu Sava.

A moça o abraça, dá-lhe um beijo de gratidão, ergue a manta do chão, envolve-se nela e começa a sair. Iagocha acompanha-lhe os passos, segurando-lhe a cintura com a mão direita. Deixam a casa... Sava continua ajoelhado. Emudecido. Com o olhar vazio, arrasta-se de joelhos até a mesa, como se não tivesse forças para levantar-se. O senhor Grabiński fita-o com piedade.

SAVA – Teia, amigo, seu irmão levou Nina embora. Você viu? Como é que você pode continuar escrevendo, enquanto coisas tão terríveis acontecem? E eu que pedi que ele a ajudasse, como um ser humano... e ele... no seu carro... em seu apartamento... Teia!



Sava, diga, será que alguém empurrou você ou jogou de lá de cima? A gente não pode cair de lá, assim, por acaso... O que houve, Sava? Sava... Um bandido aí garante que você saltou a grade...

TEIA – Por que é que você está tão surpreso?! Você sabe muito bem que há pessoas para as quais a gente jamais deveria pedir auxílio – nem que se trate da própria vida... porque elas decidem cobrar a “dívida”... e a gente se arrepende até de estar vivo.

SAVA – Ele vai enganá-la... e eu... vou morrer de vergonha. Vou morrer, Teia... E ela esqueceu o toca-discos, os discos. E o lenço com que amarrou minha mão. Tudo isto é dela! Nina! Nina!

O ronco do carro de Iagocha vai se distanciando. Sava desliga o toca-discos, recolhe os discos. Sai correndo em direção do quintal, carregando tudo nas mãos. O senhor Grabiński despede-se de Teia, que o presenteia com um punhado de livros. De algum lugar, fora da casa, ecoa a voz de Sava: “Ninaa! Niinaa! Niinaaa!”. Exatamente assim como acontecia com o noivo, Leopold Vajik. Teia acompanha o amigo polonês até a porta. Conversa com ele, enquanto a voz do limpador de chaminés vai sumindo, na distância.

TEIA – Veja, senhor Grabiński, em nossa vizinhança moram algumas pessoas pobres e infelizes, iguaizinhas àquelas que nós compreendemos, quando lemos a respeito delas enquanto heróis de uma boa literatura... Quando fechamos livros é que devemos tentar entendê-las, ajudá-las, até que não entrem no mundo da Arte. Se fizéssemos isto, certamente haveria menos livros de boa qualidade, e menos pessoas infelizes...

O senhor Grabiński acena com a cabeça, afirmativamente. Agarra os livros presenteados, suspira, e deixa a casa. Teia volta para a mesa, senta-se e retoma o manuscrito com pressa. Ele e Felícia estão sozinhos, novamente. Depois das pessoas amargas, da música, da dança e do barulho, a casa miserável torna-se mais deserta e mais melancólica. A irmã levanta-se, segurando um local dolorido nas costas. Aproxima-se da mesa e põe a meia remendada sobre o manuscrito.

FELÍCIA – Teia, calce... Você vai se resfriar...

TEIA – Sim... O que foi que você disse? Desculpe!

FELÍCIA – Olhe, a outra! Remendei a outra também! Quem sabe, talvez você consiga ganhar dinheiro suficiente com esse trabalho, para comprar uma meia nova.

TEIA – Quem sabe... Se esses aí não tivessem tomado meu tempo, poderia ter concluído a última cena... Ainda bem que você não se meteu. Você acabaria apenas se enervando...

A irmã muda de posição para enxergar melhor o rosto do irmão. Ela se persigna.

FELÍCIA – Mas do que é que você está falando?

TEIA – Ora, a respeito deles!

FELÍCIA – “Deles” quem, mano? De quem, novamente? Senhor, meu Deus, meu Senhor único e bondoso, Senhor Todo-Poderoso, dá-me forças e vontade, ajuda a suportar tudo, guarda, meu Deus, as poucas forças e esta pouca compreensão...

Toca o telefone... A irmã se afasta, mas continua olhando para Teia, que escreve. Atende o telefone.

FELÍCIA – Sim? É você, mano? O que é que foi? Não me diga... Meu Deus!... Que coisa!... E agora?... Sim... Será que você pode ajudar?... Um beijo!... Ajude... faça tudo... como se fosse para mim... Depois da morte do pai, ele foi tudo para nós... Minha nossa! Está internado onde?... Eu preciso vê-lo!... Não, não, não... eu preciso vê-lo imediatamente... Ele precisa de sangue?... Vou agora, estou indo, agora!

Desliga o telefone em prantos. Começa a andar pela casa, procurando algo. Fica dando voltas, sem saber o que fazer... Teia levanta-se.

TEIA – O que é que foi?

FELÍCIA – O nosso Sava... O Sava sofreu um... minha nossa!

TEIA – Sofreu o quê?

FELÍCIA – Caiu... do prédio de Iagocha... O nosso Sava...

TEIA – Que nada! que nada... Caiu nada, Felícia! Pulou! Por causa de Nina!

FELÍCIA – Pulou? Por causa de Nina? Que Nina?

TEIA – Aquela... que o mano levou embora. Nina Herbert, a bailarina polonesa...

FELÍCIA – O Sava pulou por causa de uma bailarina polonesa???

TEIA – É sim!

FELÍCIA – Aquela que o mano levou embora?

TEIA – É, nosso mano! Seu e meu irmão.

FELÍCIA – Teia! O que é que você está falando? O que é que você fica falando aí, seu doido!? Nosso irmão é o culpado? O meu Iagocha? Fora, seu... Deixe-me em paz! Teia, seu doido! Você é louco, louco!

Felícia agarra uma bolsinha preta e deixa a casa, aos gritos. Assustado com a irmã enlouquecida, o infeliz poeta apanha os sapatos, calça-os apressado – o sapato direito sobre o pé esquerdo; o esquerdo, sobre o direito – e sai da casa, chamando pela irmã.

TEIA – Felíciaaa! Pára! Felíciaa! Felícia! Felíciaa!

IX. O segundo suicídio.

Sava Limpa-Chaminés está deitado na Unidade de Tratamento Intensivo. Está ligado a um monitor, que registra as batidas cardíacas. Na veia do braço esquerdo está recebendo uma transfusão de sangue. O litro de sangue está pendurado sobre um suporte metálico. Ele tem uma máscara de oxigênio sobre o rosto. Sua cabeça desgrenhada sobre o travesseiro branco dá a impressão de que ele dorme. O policial Lobato vem fazer uma visita particular-oficial. O homem de uniforme aproxima-se da cama, fitando a tela do monitor. Como se estivesse verificando o quanto Sava está vivo ainda.

POLICIAL – Sava, será que você me ouve, Sava... Sou eu, Lobato... o policial. Lobato, seu antigo inquilino... Estava de plantão, quando soube... Os médicos dizem que você vai escapar... Olha, o pior já passou... Será que você me ouve, Sava?... Minha irmã, Helena, a enfermeira, está aqui... Disse para que ela cuidasse de você... Como é que você caiu do prédio, se lá existem grades?... O que é que houve, Sava?... Será que você me ouve?...

Teia e Felícia aproximam-se. A irmã chega junto à cabeceira, engolindo sua dor. Teia sussurra.

TEIA – Agüenta firme!

Felícia estremece, vira a cabeça. Chora em voz alta. O irmão a conduz para o lado. Acalma-a aos cochichos.

TEIA – Felícia... por favor... Você ouviu o que o médico disse... Felícia...

O policial aguarda que a mulher de luto pare de chorar. Aproxima-se da cabeceira e curva-se sobre o infeliz.

POLICIAL – Sava, diga, será que alguém empurrou você ou jogou lá de cima? A gente não pode cair de lá, assim, por acaso... O que é que houve? Sava... Um bandido aí garante que você saltou a grade... mas eu não acredito... Eu já prendi o sujeito... Ele está sendo condenado... Alto, castanho claro, meio calvo, barba por fazer, jaqueta de couro preto, calça rancheira, tênis... Foi ele quem empurrou você? Será que você me ouve, Sava?... Acene com a cabeça, se você está ouvindo... pisque...

FELÍCIA – Jogou... alguém jogou... lá de cima...

TEIA – Felícia, por favor... Ninguém o jogou. Ele pulou sozinho do prédio de Iagocha.

FELÍCIA – Camarada, não dê atenção a ele. Ele não é normal. O senhor não conhece meu irmão? Coitado, ele é doido!?!

POLICIAL – Conheço, conheço. E por que, camarada, você sustenta que ele pulou? Por que você tem tanta certeza assim?

TEIA – Camarada, é porque meu irmão...

Iagocha Fim entra no quarto. O camarada veste um terno preto impecável, cabelo penteado para trás, com muito cuidado. Move-se como se lhe faltasse apenas o cravo na lapela. A irmã o agarra, beija-o. Chora em seu ombro.

FELÍCIA – Mano, me salva... pelo amor de Deus... Ele, aí, fica acusando você, o tempo todo, pela desgraça... Fica me convencendo de que você é o culpado... diz que o meu... que o nosso Sava pulou por sua causa.

POLICIAL – Posso testemunhar, camarada Fim. Ele disse agora, na minha frente!

IAGOCHA – Eu? Culpado? Teia?

TEIA – Sem esta surpresa vil e criminoso! Eu já estou por aqui com essa surpresa fin-



gida de vocês! Por a-qui! Você levou ou não levou Nina Herbert para o seu apartamento? O sujeito pede que você a ajude e, você, como um animal...

IAGOCHA – Levei quem pro apartamento?

TEIA – Nina Herbert, a bailarina polonesa!

IAGOCHA – Felícia, do que é que ele está falando? O que é que ele tem?

FELÍCIA – Está doente, mano! Eu já estou dizendo isso, faz muito tempo; ele está doente! Ajude-o! Ele vê tudo – tudo aquilo que não existe! Ora, o que é que ele tem? Está doído! É isso o que ele tem!

TEIA – Quem é que é louco? Eu vejo “tudo aquilo que não existe”?! E o que é que não existe? Vocês é que vêem tudo, fingindo-se de cegos, surdos, mudos, por causa de um malfeitor, de um criminoso, que nem ele!

IAGOCHA – Teia!

TEIA – Eu não estou louco! Mas vou acabar endoidando, logo, logo! Eu vou endoidar mesmo!... porque vocês fazem de tudo para eu endoidar. Ninguém mais pode suportar isto, o que vocês fazem... ninguém, em sã consciência. Ou o sujeito é um lixo – ou é um doído!

IAGOCHA – Pare de latir, Teia! Não late, não, seu cachorro!

TEIA – As pessoas honestas sequer podem olhar para vocês! Elas se escondem de vocês, saem do caminho de vocês. Morrem na miséria ou elas se matam, como o Sava. Os sucessos mafiosos de vocês são as vidas miseráveis e as mortes ainda mais miseráveis deles. É isso o que nós temos em fatura! De resto, não temos nada mais!

IAGOCHA – Leve-o embora!

TEIA – Senhores da miséria, da amargura, da tristeza e da vérgonha!

Teia grita enojado, erguendo as mãos para o irmão, empurrando a irmã, que tenta acalmá-lo. Suas palavras contradizem o aspecto – sapatos trocados – e, assim, ele adquire um ar de grande impotência, infelicidade e tristeza. É como se um clown corresse para deter um tanque blindado com os punhos e os movimentos... Iagocha grita com o policial.

IAGOCHA – E o que é que você fica olhando?! Leve-o embora!

POLICIAL – Mas eu recebi ordens para...

IAGOCHA – Direto para o primeiro manicômio! Manicômio, seu cachorro! Eu é que vou lhe dizer quando é que ele está curado! Leve-o! Leve-o!

O policial agarra o ossudo Teia. Arrasta-o, sem grande esforço. Iagocha abraça a irmã, protetoramente.

IAGOCHA – Desculpe, Sava... se você ouviu... Nosso irmão, infeliz, está doente. Enquanto você está sarando, ele está adoecendo... Vamos, Felícia...

FELÍCIA – Deixe-me... deixe-me você também... Não vou a lugar algum... a lugar algum. Sava, você está me ouvindo? Aquele ganso, que você trouxe para o almoço de domingo, eu soltei... Sarou... e voou... Por favor, quero que você também sare... Você sabe... você sabe...

Iagocha toma a irmã pelo braço e a afasta, com ternura, da cabeceira de Sava. Leva-a para fora do quarto... De um lugar do corredor ouve-se o choro histérico de Felícia. Sava ergue as mãos. Abre os olhos. Alcança o transfusor de sangue com a mão enrolada com o lenço de Nina. A mão cai ao lado da cama e o sangue começa a jorrar do canudo para o chão. Arranca a máscara de oxigênio com a outra mão. O monitor começa a apagar-se. Sava Limpa-Chaminés vai perdendo a consciência, e vai sussurrando:

SAVA – Ninaa... Nina... Niina...

Enquanto a luz do palco vai se apagando, substituída pela escuridão em que o infeliz limpador de chaminés vai mergulhando, um policial uniformizado – idêntico a Lobato, o policial, como se fosse o irmão gêmeo dele – levanta-se e sai. Sai pensativo e confuso, como se tivesse estado no teatro pela primeira vez na vida, ou como se a história o sobressaltasse, obrigando-o a sair, de imediato.

Um dia, quem sabe, isto terá

FIM